

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

“O LUGAR DO TRAVESTI EM DESTERRO”

MARCELO JOSÉ OLIVEIRA

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção de Grau de Mestre em
Antropologia Social à banca examinadora, sob
orientação do Prof. Dr. Hélio R. S. Silva.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Hélio R. S. Silva (UFSC /Orientador)
Prof^ª. Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha (UFRG)
Prof^ª. Dra. Esther Jean Langdon (UFSC)
Prof^ª. Dra. Sônia Maluf (UFSC / Suplente)

Florianópolis, Dezembro De 1997

ÍNDICE

Resumo.....	02
PARTE I	
Introdução.....	03
CAP.1: Relativizando a (Re)Construção dos Papéis Sexuais.....	17
CAP.2: Identidade e Gênero no Contexto da Cidade Contemporânea.....	23
Parte II	
CAP.3: Produção e Transformação: Fazendo Gênero.....	33
CAP.4: Travestis e a “Região Moral” em Florianópolis.....	44
CAP.5: Família.....	55
CAP.6: Escola.....	64
CAP.7: Outros Percursos.....	71
Considerações Finais.....	80
Bibliografia.....	83

RESUMO

“O Lugar do Travestis em Desterro” enfoca a construção de identidade do travesti e os percursos sociais necessários a essa construção na cidade de Florianópolis. A discriminação, repressão e violência social levam o travesti a buscar meandros que driblem a atitude de repulsa e façam com que seja aceito como indivíduo relativamente integrado ao universo social, sem se submeter ao confinamento do gueto, como lhe é reservado em outros contextos. Vislumbra-se na dissertação o dinamismo e as particularidades da inserção social do travesti. Interessam algumas instâncias de socialização deste personagem — estratégias e táticas utilizadas nas relações sociais que intervêm na produção de sua identidade — e como isto permite se perceber nuances da cultura urbana local, e de gênero. A experiência etnográfica permitiu compreender a trajetória e projeto social do travesti como algo incluso de forma fragmentada e atomizada no universo de relações entre os indivíduos, resgatando sua humanidade palpável. Retirá-lo da representação exagerada, popularmente feita sobre ele, mítica, para inseri-lo na esfera do cotidiano.

(PARTE I)
INTRODUÇÃO

A construção de identidade do travesti é algo relacionado ao contexto urbano, cujo meio permite o trânsito social necessário a essa construção. É evidente que somente o termo *contexto urbano* de maneira nenhuma explica o fenômeno do transvestitismo. Devemos perceber as *nuances* que dão o tom dessa construção. Quando é possível fazer comparações contrastantes entre os locais onde ocorre o fenômeno — por exemplo, entre os travestis da grande metrópole e os da pequena cidade — surgem dados pertinentes a essa construção identitária que até então não poderiam ser pensados se vislumbrássemos apenas os travestis das grandes cidades. O objetivo não é um trabalho comparativo, mas trazer alguns dados que se somem ao que já se tem escrito sobre o tema e, a partir deles, pensar o travesti longe dos guetos. Da construção possível sem que se viva o anonimato relativo. Pensar o travesti como sujeito que absorve e é absorvido por uma sociedade de estreitas malhas de relações sociais. Dum sujeito que usa da criatividade e indulgência no “trato” social. Mesmo que a violência, fruto de ação discriminatória, ainda esteja presente.

O habitante dos grandes centros urbanos vive a experiência de uma rede de sociabilidade preenchida principalmente por relações secundárias, de pessoas distantes do universo íntimo e familiar. O ambiente da grande metrópole dá um certo tom de permissividade às pessoas em decorrência da constância de relações fugazes. O grande número de pessoas e veículos, de lugares, ocupações e afazeres diversos articulam um *milieu* onde os sujeitos mais fazem parte de uma “massa”¹ do que de relações de parentesco e afinidade. As pessoas são notadas ao mesmo tempo em que passam despercebidas. Universo propício à existência de variados *tipos* inusitados de indivíduos devido à natureza das relações sociais e à formação de guetos étnicos, homossexuais, áreas de prostituição etc.

Autores como Georg Simmel, Robert Ezra Park e Louis Wirth — clássicos da Escola de Chicago — nos colocam essas questões sobre a vida nas metrópoles. Por exemplo, Simmel aponta para os estímulos proporcionados aos indivíduos nesse contexto:

¹ Jean Baudrillard, em “*À sombra das Maiorias Silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*” (1985), refere-se às *massas* como algo confuso e amontoado: “*Não são boas condutoras do político, nem boas condutoras do social, nem boas condutoras do sentido em geral. Tudo as atravessa, tudo as magnetiza, mas nelas se dilui sem deixar traços.*”(p.9)

Com cada atravessar de rua, com o ritmo e a multiplicidade da vida econômica, ocupacional e social, a cidade faz um contraste com a vida da cidade pequena e a vida rural no que se refere aos fundamentos sensoriais da vida psíquica.²

Em sua visão, o homem metropolitano cria um mecanismo psíquico de defesa às várias mudanças e discrepâncias que ocorrem a sua volta.

A vida econômica na grande cidade, ao mesmo tempo em que cria uma relação de dependência entre os indivíduos no mercado sócio-profissional, estabelece um grau de anonimato às pessoas: produtor, vendedor e consumidor somente se conhecem pelo interesse imediato da troca econômica.

Assim, o homem metropolitano negocia com seus fornecedores e clientes, seus empregados domésticos e freqüentemente até com quem é obrigado a ter intercâmbio social. Estes aspectos da intelectualidade contrastam com a natureza do pequeno círculo, em que o inevitável conhecimento da individualidade produz, da mesma forma inevitavelmente, um tom mais cálido de comportamento, um comportamento que vai além de um mero balanceamento objetivo de serviços e retribuição.³

Os sujeitos da metrópole se protegem de relações pessoais com uma “reserva”, um “estado de indiferença”, que “(...) confere ao indivíduo uma qualidade e quantidade de liberdade pessoal que não tem qualquer analogia sob outras condições.”⁴

Mas, não é somente desses ambientes permissivos que emergem figuras inusitadas como, por exemplo, os travestis. Podem ser encontrados em centros urbanos menores. Florianópolis é uma dessas pequenas cidades onde dificilmente se experimenta a sensação de se viver num “anonimato relativo”. Onde é freqüente encontrar pelas ruas conhecidos do mesmo bairro e familiares. Travestir-se não seria algo tão despreocupado. Mesmo que o travesti seja de outra cidade, ele tem que conviver num meio cuja rede de relações é de estreitas malhas. A construção identitária passa pela discrição e recato. O refúgio não é o do gueto... É o dos amigos e da família. A escola faz parte da opção de ascensão sócio-profissional e os clubes de dança para heterossexuais funcionam como um dos lugares de lazer. Mesmo assim, isso não significa uma aceitação sem reservas. Não significa que o travesti conviva num meio isento da repulsa violenta ao seu personagem. Talvez a não

² Simmel in Velho, 1973, p.12.

³ Ibidem:13.

⁴ Ibidem:18.

formação de guetos os expõem ainda mais a ações coercitivas de indivíduos ou grupos reacionários.

Um dos cuidados dos travestis com relação à violência é a polícia. Mesmo que não se compare a repressão policial em Florianópolis com um grande centro, casos de extrema violência acontecem.

Conversando sobre cafetões, alguns travestis que há algum tempo haviam ido para São Paulo e Curitiba, para introjeção de silicone com objetivo de acentuarem algumas formas — principalmente seios, maçãs no rosto e nádegas —, falaram-me que a “barra” nesses centros é bem mais “pesada”. Um cafetão (ou uma cafetina, que geralmente é um travesti) assegura mais proteção. Segundo alguns relatos, uma cafetina, melhor articulada com policiais e marginais, oferece mais segurança. Mas, Kelly acha desnecessário proteção de uma cafetina em Florianópolis, pois o ambiente para a prostituição travestida não se compara com o das grandes cidades, onde o clima de violência é bem mais explícito.

Durante o período de campo com os travestis, nunca presenciei violência na forma de agressão física entre eles, com a polícia ou com outras pessoas. O máximo que pude ver foi um objeto de vidro (uma garrafa, presumo) espatifar-se próximo a um travesti no “ponto” vindo de um veículo em movimento, em cujo interior jovens soltavam palavrões. De resto, aconteciam provocações amenas que algumas vezes terminavam em risos. Tive conhecimento de casos mais graves de violência ocorridos nos locais onde os programas eram feitos com clientes, ou nos jornais quando algum fato era noticiado. Foi num jornal local que tomei conhecimento do espancamento por policiais do travesti Clô. No momento do fato — segundo versão dele e do advogado que acompanhou o processo — não estava travestido e foi espancado quando distribuía preservativos aos travestis nos “pontos”. Clô era presidente da Associação em Defesa dos Direitos dos Homossexuais (ADEH) e fazia um trabalho de prevenção nos locais de prostituição distribuindo “camisinhas” doadas pela Secretaria da Saúde. Aos 30 anos, se travestia somente quando ia fazer algum trabalho de prevenção e da Associação nas ruas para melhor se identificar com os grupos travestis. Anos anteriores travestia-se com mais frequência. Deixara de “batalhar” na rua já havia algum tempo e começou a trabalhar no gabinete de uma candidata às eleições. Sobre o espancamento, ele mesmo me relatou:

“Foi cabra mandado. Eu não tava travestida, tava de barba (...) Me surraram e fui parar no hospital”.

Ao se referir à barba queria demonstrar que não vinha se travestindo há algum tempo, pois extirpar os pêlos do rosto é providência elementar para um travesti.

Os travestis que estavam na avenida reclamaram para Clô de ameaças que os policiais da viatura haviam feito a eles; Clô teria ligado duas vezes para o capitão de plantão no Comando da Polícia Militar (COPOM) e reclamado de abuso de autoridade dos policiais. O capitão havia lhe respondido que tomaria providências. Clô retorna ao local, se desentende com os policiais e é brutalmente espancado. O espancamento agravou seu estado de saúde pelo fato de ser soro positivo e em fase de manifestações de imunodeficiência. Após o espancamento, “penou” durante alguns meses em fase terminal no hospital, até sua morte. Antes do espancamento estava com dinheiro e passaporte nas mãos para ir a um Congresso nos Estados Unidos sobre homossexualismo; foi impedido de ir devido ao incidente e internação. Ainda na mesma semana tentou registrar queixa no 8º distrito policial no bairro Capoeiras. Seu pedido de registro de queixa foi negado. Só conseguiu registrar a queixa quando retornou com um advogado e instaurou um processo sobre o caso. Clô tentava encontrar uma explicação para o fato:

“A ADEH tá de vento em popa, quando um grupo de homossexuais começa a se organizar numa sociedade retrógrada como Florianópolis, as pressões começam a vir. Uma semana antes eu tinha me apresentado no Programa César Souza⁵ e debati com um padre sobre casamento e falei muito sobre a ADEH (...) Nós lutamos pelos direitos das pessoas e bicha, homossexual, travesti, não é bicho é gente (...) A humilhação que sofri foi física e psicológica: eu fui agredido e ainda tava sendo colocado como réu”.

Conversando com o advogado que acompanhou o processo de Clô, perguntei sobre as dificuldades inerentes a um processo desse tipo que tramita na Justiça Militar. Ele concordou: quando pediu exame de corpo delito, o IML demorou a fazer os exames, conseqüentemente as seqüelas do espancamento tornaram-se menos evidentes. O parecer do delegado da polícia civil no inquérito, oriundo do distrito onde a queixa foi registrada, foi taxativo: a ocorrência não justificaria punição dos policiais.

Mesmo que este fato seja considerado acontecimento isolado, ele reflete o que algumas pessoas ainda pensam sobre os travestis. Não é somente o travesti a vítima da repressão, mas o caso é claro com relação ao “objeto” da violência praticada; e, o que é pior, respaldada por alguns setores da sociedade.

A discriminação, repressão e violência social conduzem esse personagem por meandros que driblem a atitude de repulsa e o tornem relativamente integrado ao universo

⁵ Programa de variedades produzido pela TV local e exibido de 2ª à 6ª feira para todo o Estado no horário das 13:00 horas.

social. Não está condenado ao gueto comumente reservado às identidades desviantes. Apesar de a *violência* ter sido aqui evocada de maneira introdutória, não é sobre ela que pretendo repousar a análise. Utilizo-a em contraponto ao que vislumbro nesta dissertação: a relativa aceitação do travesti.

Interessa-nos, neste trabalho, algumas instâncias de socialização do travesti, suas estratégias e táticas nas relações sociais para produção e sustento de sua identidade e como isto nos permite perceber nuances da cultura urbana local. Não se trata aqui de desvendar os mistérios que projetamos sobre sua intimidade. Trata-se, antes, de restaurar seu percurso discreto e envolvido na Ilha.⁶ Nessa ótica — por que não? — resgatar a humanidade palpável do travesti.

No capítulo 1, “Relativizando a (Re)Construção dos Papéis Sexuais”, procuro alguns pontos que nos permitam pensar numa das questões fundamentais da antropologia: o que é da natureza (biológica) e o que é da cultura do ser humano. O quanto a representação de gênero escapa da órbita da natureza. Como essa cultura é também massificada pela mídia e como isso tem evidenciado a presença ativa do travesti no cenário nacional e local.

No capítulo 2, “Identidade de Gênero no Contexto da Cidade Contemporânea”, a intenção é criar um pano de fundo que permita visualizar as transformações no comportamento social, principalmente no que diz respeito à subjetividade e afetividade dos sujeitos. Transformações impulsionadas por focos formadores de opiniões e eventos (grandes centros urbanos), que afetam diretamente a vida das pessoas longe desses centros. Como a fragmentação social interfere na construção de identidade dos indivíduos e permite uma maior maleabilidade dessa construção.

O capítulo 3, “Produção e Transformação: fazendo gênero”, entro em situações de performance de gênero. A “dura arte” de convencer e convencer-se. As relações com o próprio corpo na representação do feminino por um tipo biologicamente masculino.

No capítulo 4, “Travestis e Região moral em Florianópolis”, falo do aspecto sócio-urbano da cidade e como se engendra uma possível “Região Moral” na Ilha. Como o travesti na prostituição transita na cidade e as características dessa movimentação.

O capítulo 5, “Família”, traz algo que parece forte em alguns travestis: o sentimento pela família. A família como ingrediente de afirmação com relação ao pertencimento a um

⁶ Sempre que o termo “Ilha” for aqui empregado se refere a Florianópolis, local da pesquisa.

universo além das ruas. Um meio anterior e privado que pesa nessa identificação com o feminino.

O capítulo 6, “Escola”, aponta para o travesti inserido no trânsito social da Instituição Educacional. Alguns casos de passagem pela escola pública que indicam a aceitação de um personagem controverso para os padrões gerais de identificação social do sexo.

No capítulo 7, “Outros Percursos”, a preocupação é com o trânsito do travesti por outros espaços sociais complementares e a maneira que a relação se configura dentro da linha da discrição e tolerância. Como a relação na vizinhança, no lazer e trabalho é estabelecida e demarcada.

O CAMPO

O município de Florianópolis possui uma área de 451 Km², está situado na região da Grande Florianópolis e forma regiões conurbadas com mais três municípios: Palhoça, Biguaçu e São José (ver mapa anexo). Possui uma população fixa de aproximadamente 250 mil habitantes, observando que a zona urbana concentra a maior parte. O crescimento das atividades ligadas ao serviço público estadual, a universidade, indústria, comércio e ao setor de serviços são fatores atrativos à imigração de pessoas de outros municípios e Estados.

O fenômeno da migração tem sido empreendido por vários grupos distintos: trabalhadores braçais, estudantes, profissionais liberais, funcionários públicos, trabalhadores ligados ao setor de serviços etc. O turismo em Florianópolis é também uma das principais atividades econômicas: são 42 praias além de lagoas, ilhas, mangues e parques de preservação ambiental que fazem da ilha um pólo turístico.

No centro, pela noite, após a jornada de trabalho da maioria, podemos encontrar movimento em bares, restaurantes e pizzarias. O largo da Alfândega possui uma praça com coreto onde são realizadas programações musicais. No vão do mercado público alguns bares e uma choperia com mesas na rua prestigiam grupos de pagode que se realizam todas as quintas e sextas durante a noite e aos sábados durante o dia. Aperitivos dos mais variados são servidos; é claro, frutos do mar não podem faltar. Colegiais, pagodeiros,

profissionais de todos os ramos, desocupados, alguns bêbados, jovens, coroas etc. participam dessa festa como passagem obrigatória para irem noite adentro ou para casa.

O interior do mercado também possui alguns bares tradicionais. Os “boxes” compartilham o espaço de forma contígua. Pode-se beber uma cerveja sentindo o cheiro de verduras, carnes e peixe cru. Sentado em uma banquetta de pés longos, a uma pequena mesa redonda, num desses bares, observam-se pessoas das mais variadas idades e cor percorrerem o mercado atrás de gêneros que lhes agradem. Se a Praça XV chega a ser um mosaico de personagens, o mercado e seu interior também não está longe dessa concepção caleidoscópica de um lugar comum. Seu público, sempre diverso, varia nos diferentes períodos do dia: do café dos que preparam sua rotina (6:30) às últimas doses e petiscos dos que consomem seus produtos (23:00).

A avenida Rubens de Arruda Ramos, na Beira Mar Norte, também oferece uma série de restaurantes, pizzarias e bares com música ao vivo. Há os que preferem o Shopping Beira Mar como outra forma de opção de lazer e compra. A movimentação não reside somente no centro, o continente também oferece boates, bares com música ao vivo, churrascarias, restaurantes etc. Pessoas de variadas classes e atividades costumam se misturar nesses locais públicos, principalmente nos espaços ao ar livre. Alguns estabelecimentos procuram selecionar seus clientes pelo preço, conseqüentemente conseguem manter certa homogeneidade de público em termos de renda.⁷

Cada bairro possui nuances sociológicas definidas pelo perfil do morador e trajetória histórica. Nesses locais o processo de urbanização e “modernização” cria a princípio um misto de “novo/velho”, que gradativamente o “novo” vai sobrepondo-se ao “velho”. O velho, mesmo que à mingua, resiste às novas tendências, assimilando-as ou simplesmente fazendo o papel de “contraste”. O bairro Trindade, por exemplo, outrora (30

⁷ Sugerir, nesse caso, uma homogeneidade em termos de práticas sociais poderia incorrer numa generalização precipitada. O fato de as pessoas freqüentarem os mesmos bares regularmente não implica que freqüentem o mesmo colégio, as mesmas boates, o mesmo clube, que comprem em lojas de mesmo padrão, que todas costumem fazer sauna etc. Pelo tamanho da cidade, a fácil circulação pelos vários lugares não se torna tão difícil, mesmo para os que dependam de ônibus. Existe uma leva de pessoas que vivem sob condições mínimas de recursos materiais e de baixíssima renda que dificilmente freqüentam esses locais, e provavelmente possuem outras formas e locais de lazer. A forma mais evidente de homogeneização é a cor: existem locais em que a presença maciça é de pessoas de cor branca, com algumas raras presenças negras; existem outros locais onde se dá o contrário e ainda outros onde as duas cores se equilibram. Mas a cultura de identidade de cor não é o que pretendo discutir aqui.

anos atrás) uma grande chácara habitada por uma comunidade que caçava catanhão⁸ nos alagados do mangue, que criava porcos, vacas, cabras, galinhas etc., de ruas barrentas ou de chão batido — mesmo estando a 10 minutos do centro da cidade — hoje possui status de bairro nobre devido à estrutura urbana que abriga: ruas pavimentadas, comércio diverso, supermercados, vários conjuntos habitacionais, vilas “nobres”, Universidade,⁹ mini-shoppings etc. Pessoas de várias cidades e Estados ali se estabeleceram, permanente ou temporariamente, trazendo outros hábitos e costumes. Os pés de ameixa, laranja, carambola, mexerica, jabuticaba... As galinhas, porcos e cabras, juntamente com as famílias mais antigas da região, cederam espaço ao “novo”: à argamassa, tijolo e asfalto (concreto) com toda sua representação simbólica de cultura urbana. Mas a Trindade também tem o seu lado “sub”-urbano. A de uma população que habita as adjacências ao “miolo” que se estende pela rua geral, engrossando na região próxima à Universidade. Interessante que esse miolo é “salpicado” de “pedacinhos” de subúrbios. Em algumas ruas, casas de grande estrutura de alvenaria contrastam com casebres de madeiras. Pelas encostas dos morros da Cruz e do Horácio podemos presenciar o contrário: “pedacinhos” do “miolo” salpicando o subúrbio. Opulentas casas, dando vistas para o bairro e Via Expressa, ao lado de casas simples. O misto é o do rico/pobre. A Trindade, quem sabe, num modelo extremado, representa essa característica marcante de alguns bairros tradicionais em Florianópolis: o misto velho/novo, rico/pobre. Por esses bairros da periferia, distantes poucos minutos do centro da cidade, ainda podemos ver, mesmo que raramente, homens “tocando” vacas por terrenos baldios e velhos bebendo doses em *drive-in*, falando do tempo em que no seu bairro só passava galeota e bicicleta. Crianças e jovens de alto padrão de vida doméstica convivem com a vizinhança mais pobre em brincadeiras de rua, “peladas” etc. As relações em bairros são bem mais próximas; são de cumplicidade. Vindo de família que sempre habitou a periferia, não foi difícil perceber essas relações contrastantes.

Outros bairros tradicionais existem com outra forma de crescimento urbano, não tão acelerado, mas também contrastante. Bairros onde a cultura não é a da chácara, como a Trindade e Pantanal, mas a da tarrafa e do rancho de canoa. Bairros como a Costeira do Pirajubaé, Saco dos Limões e Saco Grande entre outros. Lugares próximos ao mar onde boa parte dos hábitos originalmente são associados ao o que o mar oferece: peixes,

⁸ Espécie de caranguejo típico de manguezais. Quando adulto chega a medir de uma ponta a outra de suas garras abertas em torno de sessenta centímetros. Sua carne é de sabor suave, utilizada para fazer risoto. O hábito de sua caça tem desaparecido no bairro; assim como o espécime também.

⁹ A construção da Universidade foi o principal fator para o crescimento do bairro.

moluscos e crustáceos. Mas, a medida do tempo tem perdido a identidade com esses hábitos originais.

Existem áreas em que o misto aqui sugerido dificilmente ocorre. No caso de vilas pré-projetadas onde existe um padrão mínimo de construção. Ou em áreas de condomínio fechado, também de alto padrão. Mas não são muitos em Florianópolis. Se existe algo caracteristicamente marcado na região florianopolitana é sua área suburbana.

Muitos bairros não são tão tradicionais. Alguns são bairros novos, de quinze ou vinte anos. Loteamentos que estrategicamente se tornam habitat central devido ao comércio de imóveis e mercado em geral. O Bairro do Kobrassol no continente é um exemplo disso.

Outros bairros também surgem de loteamentos, mas não obedecem ao padrão de construção e nem possuem pré-projeto de infra-estrutura. Simplesmente servem como opção para as famílias de baixa renda: oferecem pouco comércio e não possuem infra-estrutura adequada. Ausência de escolas, postos de saúde, pavimentação, praças etc. barateia preços de imóveis e aluguel.

À margem desses bairros, próximo a alguma vala de esgoto a céu aberto, ainda pode-se constatar inúmeras presenças de casebres feitos de madeira velha e compensados utilizados em canteiros de obras. Os barracos muitas vezes são implementados com papelão. Como Florianópolis possui um solo geograficamente acidentado, esse tipo de aglomerado urbano também é comum nas encostas dos morros.

Existe também a população de beira de praia, do interior, onde mora a população mais tradicional da Ilha. Hoje convivendo com um processo de urbanização evidente, principalmente nas praias do norte. O “mané”¹⁰ hoje convive com o turista vindo de grandes centros. Nessas áreas a beira-mar também é comum a opulência urbana ao lado da simplicidade do ilhéu interiorano. Figura popular que a cada dia se torna escassa.

Pelos bairros tradicionais e pelo interior da Ilha é que se verificam os indícios de cultura açoriana.

Pelos bairros de periferia fica a opção de pequenas praças, bares e botecos. Alguns ainda oferecem quadras de esportes, bailes e boates em clubes de Sociedade. Casas se

¹⁰ O termo “mané” é muito empregado para fazer referência ao nativo típico da ilha: um jeito de ser simples com falas de articulação rápida, inflexão da voz e expressões idiomáticas. Figura hoje explorada até por grupos teatrais com o objetivo de resgate da cultura ilhoa dos primeiros habitantes; entre esses primeiros estão os açorianos. O “mané” é identificado como remanescente de hábitos da cultura açoriana na Ilha e com o “jeito de ser” típico do ilhéu.

alinham e desalinham em ruas, esquinas, becos e servidões, numa concepção fragmentada de sedimentar o espaço circunscrito a um perímetro urbano. Existem moradores que optam pela diversão em seu próprio bairro; muitas vezes ela se mistura com cervejas e doses destiladas em meio a verduras, frutas, cereais e guloseimas em alguma venda ou armazém. Adultos, velhos e jovens se reúnem em mesas de dominó, bilhar, jogos de cartas ou dados para conversarem sobre futebol, mulheres, passarinhos, brigas, fuxicos etc. - lembrando que as relações nesses bairros são bem mais estreitas. A diversão que acontece nas boates e bailes envolve um público diversificado e costuma atrair pessoas de outros bairros também. As ruas e praças são freqüentadas por todos os tipos do bairro. Pessoas conversando em frente aos portões, no açougue, na bodega ou padaria: grupo de senhoras; vizinhas (os); jovens e crianças com suas bolas de vidro, figurinhas, pandorgas, fitas de vídeo “games” (para os que podem) e outras que reúnem a criançada. Por alguma rua, beco ou servidão não é raro encontrar grupos de pessoas (jovens na maioria) fumando maconha ou fazendo alguma “transa” de “coca” em alguma “boca”.

Florianópolis, ao mesmo tempo em que é pequena, tem um tom metropolitano de descentralização do perímetro urbano com relação ao comércio e lazer. Por essas regiões conurbadas, formada entre um município e outro, é possível focos de mercado com lojas e casas de entretenimento. Distanciando-se do centro, da orla da praça XV, em direção ao continente, passa-se por trechos que intercalam residências e comércio, depois somente residências, e, de carro, em 10 minutos chega-se ao Kobrassol: bairro de periferia, de intenso movimento residencial e comercial. Nesse mesmo bairro, pela noite, encontram-se pizzarias, churrascarias, bingos, bares e casas de dança. Por bairros adjacentes e próximos ao Kobrassol (Campinas, Capoeiras, Estreito, Barreiros etc) é possível ainda encontrar algum hotel, motel, restaurante, pizzaria ou bar aberto tarde da noite (o mesmo acontece com os bairros tradicionais anteriormente citados — com exceção da rede hoteleira que se concentra no centro e continente). Casas de prostituição cotejam esse cenário, do “baixo” ao “alto meretrício”.

Enfim, é desse cenário que emergem travestidos personagens, principalmente à noite, para habitarem as ruas e participarem dos espaços que se oferecem e/ou são conquistados.¹¹ Habitam principalmente essas regiões que se estendem do “centrão” (Praça

¹¹ O espaço vivido supera a noção de espaço extensão e busca a noção de representação do espaço construído através do olhar das pessoas que o vivem. O espaço se constitui em um tecido de relações espaciais dotado de significado pelo homem (Coradini, 1992). Para Guattari, “(...) a noção de território é entendida aqui no sentido mais amplo ... pode ser relativa tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema no seio do qual o sujeito se sente em casa. O território é sinônimo de apropriação, de subjetividade fechada sobre si mesma”

XV, Rua Felipe Schmidt, Tenente Silveira e adjacências), convivendo em bairros que, de certa forma, permitem o devir desses personagens. Talvez seja esse um dos sinais diacríticos dessa pequena cidade — profusão de pequenos focos de comércio e lazer — que permita a inserção desse personagem de maneira diferenciada; característica que imprime dinâmica particular na ambiência social do travesti em Florianópolis.

O espaço físico e social da cidade é descentralizado e enseja a cumplicidade social, na medida em que os deslocamentos dificilmente assegurariam o “anonimato”. É necessário certo cuidado se houver interesse em não se ser reconhecido. É possível percorrê-la de ponta a ponta numa mesma noite e encontrar um conhecido em seus limites, como também é possível, dependendo do bairro, tornar-se “anônimo” a dois quarteirões da própria casa. Florianópolis oferece a peculiaridade de ser uma cidade pequena dotada de muitos traços e serviços típicos da cidade grande.

NOTAS SOBRE O MÉTODO E TÉCNICAS DE PESQUISA

O convívio com travestis enquanto trabalho de campo data de julho de 1993 a agosto de 1994 — quando da elaboração de Monografia de Conclusão do Curso de Ciências Sociais na UFSC¹² — estendendo-se durante os meses de dezembro/96, janeiro, fevereiro e março de 1997, para complementar os dados obtidos na primeira fase para a realização desta dissertação. Foram basicamente 16 meses divididos em duas etapas. Na primeira, a frequência no campo era de duas a três vezes por semana. Era rara a semana em que eu não fosse visitar um travesti, que não falasse com seus vizinhos ou que não passasse pelos pontos de prostituição. A segunda etapa foi de visitas espaçadas — uma por semana — em alguns pontos de “pegação”, entrevistas com pessoas que interagem com travestis e o contato com duas famílias de travestis. Buscando com essa volta a confirmação de dados anteriores, desatar alguns nós e levantar algumas hipóteses.

(Guattari, 1987:323). Coradine (1992), baseada em Magnani, afirma ser na noção de sociabilidade que se tecem as malhas de relações que estão sujeitas às normas, regras e códigos que regulam o convívio entre grupos e indivíduos, a ocupação dos espaços, as formas associativas, o lazer; onde se desenvolve a trama do cotidiano. É a partir daí que penso a noção de “rua” aos diversos atores sociais e a forma como se articulam. É dentro dessa noção que procuro os travestis pelas ruas de Florianópolis e adentrando em suas casas, “bisbilhotando” inclusive com seus vizinhos.

¹² Oliveira, 1994.

O trabalho de campo basicamente caracteriza-se pela observação participante.¹³ Essa etapa envolveu, além da preocupação de interação com o grupo, a coleta do maior número de informações possíveis com relação à sociabilidade do grupo no dia-a-dia, levando em consideração não somente os jogos verbais como também os de imagem na construção cotidiana. A tentativa foi de localizar e circunscrever os vários agentes participantes do universo do travesti.

A pesquisa também contou com situações formais de entrevista com roteiro semi-aberto na busca de elementos objetivamente “declarados” (ou subjetivamente captados pelo pesquisador) com relação ao estudo de casos que pudessem contribuir, priorizando as falas que diziam respeito à sociabilidade, aceitabilidade, intimidade e afetividade dos atores envolvidos. O uso de gravador dependeu da reação do entrevistado, quando cogitado.

Sem dúvida, a maior parte dos registros de dados foram feitos através de anotações breves em campo e posteriormente, fora do “campo”, reanotando-as com detalhes. Nas entrevistas formais a maior parte das anotações foram feitas no momento da entrevista.

A forma como abordamos o “objeto” de pesquisa em campo vem carregada de intenções de ordens objetivas e subjetivas, de forma a tornar possível e exequível nosso trabalho. Se forem nossos pensamentos que orientarão nossa conduta baseados em nossa experiência de vida e no conhecimento acadêmico, passamos também a nos tornar “objeto”. Por mais que filtremos a informação na fala do ator/nativo, os gestos em nenhum momento serão desprovidos de significado. Interpretar falas e gestos é tarefa puramente subjetiva. Como coloca Nestor Perlongher (1987), em seu trabalho sobre prostituição viril em São Paulo: o grau de inserção no campo não elimina o risco de interferências subjetivas que resultam dessa inserção.

A medida que a proximidade e constância ao tema se intensificaram novas camadas de significado me surgiram. Não vou negar que a princípio houve preocupação com minha imagem pública. Principalmente numa cidade onde não é raro encontrar pessoas de nosso círculo social e familiar. Algumas pessoas chegaram a me perguntar o que fazia eu “metido com aqueles rapazes”. À medida que comecei a cristalizar uma amizade com os travestis, superei essa fase de constrangimento.

¹³ 40 é o nº aproximado de travestis observados; 20 o nº de travestis com os quais o pesquisador interagiu.

A interação com os travestis se deu principalmente durante a noite e, em suas casas, durante o dia. A aproximação foi mais fácil nos “pontos” de prostituição. Para facilitar a aproximação e evitar ser confundido com um cliente, logo tornei clara minha condição de pesquisador e o intuito de elaborar esta dissertação.

Em minhas primeiras incursões cheguei a empunhar caneta e caderneta em alguns momentos, mas logo abandonei essa prática e optei pelas anotações assim que chegava em casa. Achei-me “meio exótico” fazendo anotações nos locais de "pegação". Desisti também da idéia de forçar um roteiro mental prévio para estabelecer minhas conversas, preferi ser levado por elas e pelos acontecimentos; não desconsiderando o fato de que minha presença no campo, por si só, já estimulava conversas ou suscitava acontecimentos.

A técnica de observação na primeira etapa era a de permanecer com eles nos “pontos” e participar das conversas e brincadeiras. Comecei a "curtir" minhas idas a esses locais, mantendo-me sempre atento ao que acontecia a minha volta. Os maiores informantes foram "conquistados" nesses pontos de prostituição.

A participação na vida diurna dos travestis demorou um pouco, o tempo necessário para conquistá-los. Visitava-os geralmente pela tarde. Nessas entrevistas as falas fluíam sobre questões pessoais num tom emotivo: falavam sobre aspirações, paixões, namoros etc. Sentados confortavelmente, pareciam satisfeitos em falar sobre suas vidas.

A maior dificuldade foi encontrar os travestis que não se prostituem. Foi através de outros travestis da “batalha” e conhecidos que pude encontrá-los em seu espaço profissional ou escola. Alguns já haviam "batalhado". Outra fase também delicada da pesquisa foi com as pessoas que interagem com os travestis: diretoras de colégio, colegas de sala de aula, professores, porteiros de boates, funcionários de farmácias onde compram hormônios, enfermeiros de hospitais onde alguns se internam, voluntários do GAPA, gabinetes de partido político (PT), síndico do prédio onde moram, moradores do prédio, advogado e família.

De todos que interagem com os travestis, o “cliente” foi o único que não foi entrevistado. A maneira fugaz e a brevidade com que pára nos pontos de prostituição dificultam muito a abordagem. Vi-me distante de conseguir uma entrevista com a abordagem formal de um “bisbilhoteiro”/pesquisador. Dificilmente me falariam sobre suas práticas e inclinações. A preservação da “face” enquanto valor social positivo, o cuidado com as aparências e com as posições que ocupam na sociedade florianopolitana — impediram essa aproximação.

Enfim, foi anotando observações, falas, discursos formais e informais, registrando os percursos desses atores que, munido de algumas teorias, procuro lançar um olhar antropológico sobre o fenômeno em Florianópolis.

CAP.1: RELATIVIZANDO A (RE)CONSTRUÇÃO DOS PAPÉIS SEXUAIS

Os papéis sexuais possuem algumas linhas demarcatórias bem definidas que obedecem a uma orientação moral.¹⁴ Além de todo questionamento sobre o papel da mulher na sociedade e, no sentido “oposto” - mas não tão discutido - o papel do homem, existe um impasse verificável em algumas representações que soam como signos da condição sócio-sexual. Comportamentos que se associam “invariavelmente” ao ser homem e ser mulher em nossa sociedade. Algumas considerações que se fazem sobre os gêneros, masculino e feminino, dependendo da variação (ou inversão) verificada, passam a receber rótulos: “frutinha”, “sapatão”, travesti, “maricona”, “mãe”, “bicha”, “gillete”, “veado”, “perobo”, “gay” etc. Tais rótulos, popularmente conhecidos, traduzem certa inflexibilidade no que diz respeito aos papéis sexuais socialmente definidos. É importante salientar o aspecto androcêntrico das instituições sociais e o quanto influenciam no que se possa chamar de liberdade sexual.

Torna-se maior a clareza dessa condição entre os sexos a partir do momento em que percebemos a construção dos papéis como um dado da dinâmica social e não como algo puramente intrínseco à condição biológica dos seres humanos.

O século XX é caracterizado principalmente pela transformação da estrutura social nos campos familiar, afetivo, intelectual e da comunicação de massa. Freire Costa (1992) nos fala de um sujeito — mais de final de século — que seria uma rede de crenças e desejos articulados num jogo de linguagens. A subjetividade decorreria do uso desse mesmo jogo. Homens do mesmo grupo social procurariam manter um mesmo tipo de conduta moral. Os que se afastassem desse modelo seriam considerados transgressores de uma ordem. Segundo Freire, cultura significa exclusão e inclusão dentro das possibilidades

¹⁴ Refiro-me a moral hegemônica “inventada” enquanto conjunto de valores, orientadora e árbitro dos desejos por motivos vários - políticos, de classe, religiosos, econômicos etc. Sobre uma suposta “moral dominante” as questões de classe se atrelam de tal maneira que envolve as demais questões. Joana Pedro ao se referir às “*Mulheres Honestas e Mulheres Faladas*” (1992) da Desterro (Florianópolis) de fins do século XIX e início do XX revela a preocupação da elite local — formadora de opiniões através do poder político e de jornais locais — em idealizar uma “mulher doméstica” devotada ao lar e ao marido, “honrosa” dessa posição. Todavia, muitas foram as mulheres em Desterro que, em virtude de viver uma situação de classe menos abastada, extrapolavam a condição de esposa e mãe com trabalhos informais no intuito de aumentar a renda familiar, já que seus maridos não ganhavam o suficiente em consequência de um mercado ainda parco em atividades profissionais de boa remuneração. Com isso o ideal politicamente dominante de uma “minoría” abastada — monitorado via repressão policial principalmente — muitas vezes julgava mal as mulheres que andavam com trouxas de roupas nas costas (ou na cabeça), as que vendiam bilhetes de rifa, as que andavam com cestas de quitutes e outras atividades que eram exercidas pelas ruas. Muitas das prisões dessas mulheres eram arbitrárias e autoritárias. Uma moral cultivada por “classes dominantes”, formada por grupos detentores de poder econômico e político, responsável pela hegemonia de algumas idéias que dizem respeito ao comportamento sócio-sexual.

expressivas do sujeito e seu desejo. A subjetividade influenciaria na construção do mesmo conforme idéias modelares que fazem parte de uma recomendação “ética”. Nessa ótica do jogo de linguagens a construção do sujeito também implicaria transgressão. Na visão do autor, o preconceito seria a crítica reacionária da própria linguagem.¹⁵

O mesmo, quando se refere às relações homossexuais prefere considerá-las como relações homoeróticas a fim de se desvencilhar dos preconceitos historicamente modelados sobre as relações homossexuais. Considera tal preconceito problemático para uma cultura contemporânea voltada para a idéia de realização afetivo sexual, na qual o homoerotismo é fruto de uma prática “lingüística”. O desejo não seria instintivo e sim produto da linguagem. Sendo assim, a partir do desejo não há como inferir uma ética compatível, ele é amoral e imoral ao mesmo tempo. A estruturação do desejo na linguagem mais atual pode levar à destruição de instituições, regras e leis que constituem nosso patrimônio cultural para soerguer outras.

A visibilidade social do travesti é fruto dessas transformações que permitem aos sujeitos uma maior maleabilidade na realização de seus desejos. Esse ator e a maneira como tem surgido no contexto nacional nos aparece como expressão dessas transformações, mesmo que ainda acanhadas para alguns.

Os exemplos que algumas etnografias em sociedades tribais e estudos sobre sexualidade¹⁶ nos trazem é de como a construção dos papéis sexuais varia dentro de dadas culturas. Mesmo que em várias sociedades o *macho* continue subordinando a *fêmea*, é necessário notar os diferentes percursos na constituição dos papéis e o aspecto sócio-

¹⁵ Freire Costa, 1992.

¹⁶ Por exemplo, no casamento *Araweté* descrito por Viveiros de Castro (1986) os recém casados escolhem um casal mais velho do grupo, compartilhando relações mútuas que extravasam a intimidade dos casais. A base de toda essa relação de sociabilidade conjugal, de troca afetiva, é a mutualidade sexual. Além de o ciúme estar supostamente excluído da relação os homens também demonstram uma relação matizada por uma afinidade homossexual. Na sociedade Sambia, da Nova Guiné, estudada por Herdt e Stoller, o sêmen é concebido como princípio orientador de todas as relações no grupo. As práticas sexuais envolvem a reprodução de seres humanos não só através da relação heterossexual intravaginal, mas também as relações de felação, cujo sêmen, ingerido por mulheres e jovens, é responsável pela formação do ser. O fato de um jovem praticar o ato de felação com um adulto masculino não quer dizer que esse mesmo jovem seja um homossexual. Nessa sociedade a masturbação é desconhecida justamente pelo desperdício de “vida” (sêmen). “Um sujeito Sambia moralmente responsável e moralmente valorizado é o que se coloca no tempo certo e no lugar certo na cadeia de circulação do sêmen (...) O referente ou os referentes da identidade homossexual contemporânea não podem existir entre os Sambia.”(Freire Costa in Parker , 1996) Um “berdache” em uma tribo contemporânea Lakota norte americana goza de prestígio e status social em seu grupo. Na Grécia clássica e no apogeu da República e Império romano a pederastia era vista como costume de muitos cidadãos (Jurandir Freire Costa, *A Inocência e o Vício*, 1992, e Michel Foucault, *História da Sexualidade*, 1996). Mostrar aqui um cadinho de fatos extraídos de textos que nos falam um pouco sobre diferentes situações, tanto em épocas como em espaços sociais alheios ao nosso meio direto, possibilita localizar alguns traços que fazem o que costumamos chamar de “cultura”, e que nos fornecem melhores parâmetros na descrição e análise de nosso próprio grupo.

estrutural dessa dominação. A estranheza denotada em algumas variações de representação de gênero é consequência principalmente do inculcamento falocrático no processo de socialização do sujeito. De uma sociedade que sobrevaloriza o macho: um tipo “rígido” de representação.

É baseado nesses valores de representação que se inventam estereótipos que nos dão também a “marca” cultural, se assim posso falar, de um grupo ou sociedade - mesmo que essa “marca” seja naturalizada em muitos discursos “interessados” em “naturalizá-la”. E, aos tipos biológicos masculino e feminino, não faltam os clichês.

Quando Silva nos conta sobre “*Certas Cariocas*”, uma crônica acadêmica que fala de alguns personagens travestidos das ruas no Rio de Janeiro (Lapa), nos fala de como as mulheres rompem com alguns estereótipos...

... em correspondência com importantes mudanças no comportamento masculino, que tende a maior flexibilização - embora, assim como as mulheres, essas mudanças não atinjam igualmente a todos e nem os atingem com a mesma intensidade.¹⁷

Quando nos deparamos com um fenômeno de clara evidência, como tem sido a visibilidade social do travesti, indagamos se o que “entorna” da mídia já não encontra um ambiente propício ao seu desfrute. O travesti hoje não está longe de ser incorporado a uma cultura popular brasileira - uma cultura massificada pelos meios de comunicação.

Quando nossa sociedade lidava de forma mais enrijecida com as representações do masculino e do feminino, e quando o controle de um sexo sobre o outro era inequívoco, tornava-se quase impossível a manifestação pública e em larga escala de um fenômeno como o do transvestitismo.¹⁸

Nesse texto Silva fala de dois travestis, o histórico e o atual, alocados no tempo e reconhecidos em propriedades que os distinguem: a experiência solitária do primeiro, do travesti latente socialmente, “do histórico” — Silva faz questão de frisar o caráter social da latência como uma possibilidade vazia e não meramente o sentido psicológico do reprimido —; e da socialização manifesta do segundo, “do atual”. O travesti histórico... Latente... É conduzido a um estereótipo psicanalítico: do sofrido com o drama edipiano a redundar num tipo ideal feminino afim de explicá-lo. O atual, manifesto em várias formas de representação e socializado em várias possibilidades, como que acompanhando o

¹⁷ Silva, 1996, p. 48.

¹⁸SILVA, “*Certas Cariocas*”, 1996, p. 50.

movimento histórico de desprendimento das mulheres de seus clichês de subordinação, desvencilha-se do “drama” solitário para vivê-lo coletivamente.¹⁹

O envolvimento social dos travestis abrange dois níveis que precisam ser explicitados; a saber: as relações no âmbito público e no privado. Os níveis de tolerância no público e no privado se diferenciam, mas os dois possuem características de uma tolerância progressiva e, em alguns momentos, se mesclam.

Não são raras as imagens de travestis entrando em nossas casas, através da televisão, com shows de transformismo, programas de entrevistas e variedades. Recentemente (25/08/96) pude assistir num quadro do programa dominical do Gugu Liberato, “Domingo Legal”, Roberta Close, num conjunto cintilante e curtinho de cetim claro. Close participava do quadro “homens contra mulheres” numa representação que não se ofuscava com a presença de suas duas companheiras (mulheres atrizes) de equipe na disputa. O quadro, num tom animado, consistia em as mulheres pressuporem o que os homens responderiam ou como reagiram numa dada questão ou situação. O mesmo se aplicava aos homens, também jovens artistas (cantores e atores) televisivos. As pressuposições que coincidissem com as respostas somariam pontos para as equipes. As perguntas variavam principalmente em torno de situações de flerte, namoro, gostos sexuais etc.

Mas, não é só no *showbusiness* que acontece a expressiva visibilidade desses atores. Eleger um travesti para um cargo público já não é tão estranho assim, mesmo que seja numa minúscula comunidade. Reportemo-nos a um pequeno município de Piauí chamado Colônia do Piauí, de sete mil habitantes, que elegeu em 1995 o travesti José Nogueira, de codinome Kátia, como o segundo vereador mais votado da cidade. Em matéria na Folha de São Paulo (26 de março de 1995) ela se mostra categórica:

“Sempre fui homossexual, baitola, como dizem aqui. Mas queria mostrar que era possível vencer assim, até na política, em terra de cabra macho.”

Imagino que não tenha sido com um número restrito de identidades sociais - homossexual e baitola - que esse travesti de 42 anos tenha conquistado o Pleito Eleitoral. Mesmo sendo “sempre” um homossexual, como ela mesma afirma, a necessidade de se ser “polivalente”, principalmente numa comunidade pequena, é bem maior:

¹⁹ Silva, *ibidem*, p. 70-1.

Polivalente, ela - como prefere ser tratada - é o que as feministas considerariam uma mulher exemplar: assiste aos carentes, arranca dentes, cuida de crianças, distribui comida, esclarece sobre Aids, milita na Câmara e ainda encontra tempo para criar galinhas, porcos e dedicar-se a seu 'marido'. (Folha de São Paulo, março, 1996, p.14)

Com relação ao campo de transformações e a implícita aceitação de certas variações com relação ao papel sexual talvez Guattari tenha razão quando nos sugere uma nova *suavidade* no devir e nas relações afetivas que em nada impedem o desenvolvimento normal da sociedade. Se antes eram os valores viris que davam a garantia de consistência à sociedade, novas formas de subjetividade provam que também podem gerir a sociedade sem necessariamente imputar valores falocráticos.²⁰ A nova *suavidade* seria caracteristicamente versátil no que diz respeito aos papéis de gênero.

A despeito de qualquer moral dominante²¹ ou de qualquer discurso dogmático de senso comum sobre o que é ser “homem” ou “mulher”, atestamos mudanças quando podemos verificar que o travesti não só é vedete e vítima, como também sujeito que necessariamente não precisa isolar-se em guetos afim de que possa desfrutar do que mais lhe dá prazer e deleite: ser mulher socialmente.

Há quem diga que se trata apenas de fantasia. Mas, afinal, não estamos todos fantasiados? Fantasiados de sonhos, idéias, aspirações, desejos, objetivos... De alunos, de professores, de intelectuais, de doutores, de políticos, de surfistas, rappers etc.

Quem sabe todos carreguemos um *travesti* dentro de nós, pronto a ser sacado a qualquer momento, conforme a necessidade do *mercado* de trocas sociais. A diferença é o *tom* que fazemos do *gênero*. O que seríamos sem nossas “máscaras” e adornos a transmitirem aparências, intenções e atos que compõem identidades? Mesmo os não travestidos costumam, num termo popular, “rasgar a fantasia” e mostrar suas verdadeiras “caras”.

A maneira como nos conduzimos em nosso meio está diretamente relacionado com as possibilidades já existentes. Quando Gilberto Velho nos fala que “*Os projetos são elaborados e construídos em função de experiências sócio-culturais, de um código, de*

²⁰ Guattari e Rolnik, 1986, p. 281-87.

²¹ Sobre moral dominante atrelo a essa questão a categoria “classes dominantes”, dentre outros grupos institucionais detentores de poder econômico e político responsáveis pela hegemonia de algumas idéias que dizem respeito ao comportamento sócio-sexual.

vivências e interações interpretadas”,²² refere-se a um campo de possibilidades relacionado com a história e cultura de cada sociedade. Se...

... o projeto não é um fenômeno puramente interno, subjetivo (...) A própria condição de sua existência é a possibilidade de comunicação (...) O projeto, enquanto conjunto de idéias e a conduta estão sempre referidos a outros projetos e condutas localizáveis no tempo e no espaço.

O que é considerado desvio de uma conduta, com relação a moral dominante, é na realidade comportamento resultante de possibilidades e emergências contextualizadas. A identidade travesti começa a se construir antes mesmo que haja o encontro e nem por isso ela é uma construção isolada. O indivíduo enquanto ser pensante se constrói articulado com o seu grupo e relacionado com um grupo maior que envolve vários outros. É com uma realidade objetiva articulada com vários personagens de dentro e de fora de seu grupo que se da consistência a uma existência interior, consciente ou inconsciente, de um sujeito particular. O pensamento e a subjetividade são estruturadores de uma meta e de um projeto que se articula com outras metas e projetos na possibilidade de realização. O indivíduo privilegia algumas áreas sociais de comportamento que considera relevante na construção de sua realidade social (Schutz, 1979 e Velho, 1981).

Difícilmente o travesti se reproduz sem que haja um ambiente que possibilite a construção de seu personagem; onde haja um desejo de consumi-lo, ou por ele ser consumido; ou o dele próprio em consumir. Em Florianópolis, mesmo de menores proporções do que, por exemplo, Rio de Janeiro, dos travestis da Lapa descritos por Silva,²³ também é possível observar essa experiência social de jovens que têm sobrevalorizado a realização de seus desejos, ainda que tenham de lidar de forma muito criativa com o preconceito social.

O “anonimato relativo” proporcionado pela vida nas grandes metrópoles de maneira nenhuma encerra a discussão sobre a possibilidade de transvestitismo. Outros fatores apontam para caminhos diferenciados dessa construção de gênero . A Ilha pode ser um exemplo disso.

²² Velho, 1986, p. 26.

²³ Silva, 1993.

CAP.2: IDENTIDADE E GÊNERO NO CONTEXTO DA CIDADE CONTEMPORÂNEA

Mesmo que se tenha aqui como objetivo de estudo um grupo específico de uma cidade que não se enquadra como um grande centro, uma grande metrópole - contexto inspirador de algumas teorias sobre construção de identidade na modernidade e pós-modernidade — é necessária a reflexão sobre esse ambiente cosmopolita, para verificar as condições criadas com o advento da era moderna, no sentido mais atual: transformações difusas que intervêm na subjetividade e afetividade dos indivíduos, questionando em certo nível as velhas noções topográficas de centro e periferia.

Volatilização da Identidade:

A identidade social envolve dois termos que interagem em sua construção e reprodução: “status” e “papal” social. Essas duas condições estabelecem entre os indivíduos uma relação mútua de direitos e deveres. Segundo Goodenough, a identidade social seria um aspecto do “self” que não se encerra com a “personal identity”, envolve afetividade e emoção:

Every individual has a number of different social identities. What his rights and duties are varies according to the identities he may appropriately assume in a given interaction.²⁴

A seleção de uma dessas identidades — a de pai, filho, irmão, estudante, colega, médico, professor, empregado, patrão etc — é governada por muitas considerações dadas não só pelo status²⁵ que a pessoa ocupa, mas também com a condição de interação:

For any society there is a limited number of culturally recognized types of activity. The legitimate purposes of any activity provide the culturally reconized reasons for interactions, and they in turn define occasions. The same individuals select different identities in which to deal with one another depending on the occasion. For example, I may upon someone who is in fact both my physician and my personal friend because I wish to be treated for an illness or because I wish to invite him to dinner. The purpose that specifies the occasions for the

²⁴ Goodenough, 1969, p. 4.

²⁵O status relaciona-se aos “rights and duties” que uma mesma pessoa assume quando tacitamente instada com a posição que toma numa relação social. Segundo Goodenough uma cultura possui uma organização de relações de status que em diferentes combinações de “rights and duties” indicam as diferenças socialmente significantes nas “identity relationships” (Ibidem, p.08-9).

interaction determines whether I assume the identify of ‘patient’ or ‘personal friend’ in approaching.²⁶

O modelo conceitual acima nos dá uma noção do que seja viver em sociedade num conjunto de relações mínimas necessárias num meio segmentado em atividades profissionais, de parentesco e de relações de amizade. Relações de interesse, e/ou desinteressadas, que compõem o universo social e torna-se necessário manter a “face” enquanto valor social positivo ao meio em que se está interagindo.

Quando o travesti Valéria me diz que vive em vários meios e que “*não se pode misturar as coisas*”, ela se refere à gramaticalidade de uma sintaxe social que cada ambiente e interação exigem.

The selection of identities in composing social relationships, then, is not unlike the selection of words in composing sentences in that it must conform to syntactic principles governing (1) the arrangement of social identities with one another in identity relationships, (2) the association of identities with occasions or activities, and (3) the compatibility as features of a coherent social persona.²⁷

O conceito acima foi elaborado numa época não tão flexível com relação aos papéis sociais e se esperava uma identidade pública coerente; mas, comparando-o ao que nos é possível hoje em dia, não nos impede de relativizar e aplicá-lo com certa eficiência aos dias atuais, já que alguns papéis para a época continuam básicos ainda hoje.

Heilborn, numa recente publicação organizada por Parker e Barbosa sobre “Sexualidades Brasileiras”,²⁸ entende e opera a identidade social como “... um conjunto de marcas sociais que posicionam um sujeito em um determinado mundo social” (1996:137). Essas marcas são entendidas como modelação da pessoa e operam em três dimensões: a 1ª refere-se a um número de atributos e traços que classificam o sujeito como, por exemplo, “inserção na estratificação social, idade, gênero etc” (Ibidem:137). A 2ª refere-se aos significados sociais que esses atributos e traços tomam em outros “eixos classificatórios” presentes e “... submetidos a negociações contextuais” (Ibidem:137). A 3ª e última dimensão se apresenta com determinados valores “... corporificando-se em significados que articulam a imagem de si e a relação com o outro” (Ibidem:137).

²⁶ Ibidem, p.06.

²⁷ Ibidem, p.07.

²⁸ Heilborn in Parker e Barbosa, 1996, p.136-45.

Assim, para a autora, identidade é algo exterior ao sujeito e objeto de interiorização do mesmo. No entanto, descarta a noção de externalidade e anterioridade do ser social e de sua percepção ao mundo das representações coletivas. “A identidade social constitui-se na atualização de princípios de classificação social ordenados por valores que fabricam e situam os sujeitos” (Ibidem:137).

Heilborn acredita na idéia de que na modernidade os sujeitos vivem um campo de possibilidades “... no qual suas escolhas se limitam e se atualizam sobretudo num universo em que, fruto de sua própria ideologia, se aposta na idéia de opção, impelindo os sujeitos a assim reagirem” (Ibidem:137).

Citando Foucault — sobre a localização dos sujeitos num mapa social, movidos muito mais pelo desejo sexual na modernidade do que pela rede de laços de relação de parentesco — refere-se a uma “explicitação desejante” das pessoas na escolha de determinadas práticas sexuais que revelaria a natureza de sujeitos que se situam com relação aos outros. O sujeito torna-se um “significante” de seu desejo e não somente um indivíduo localizado numa casta ou classe social: “Passa-se a conceber uma faceta identitária motivada por uma orientação erótica espontânea que define a divisão das pessoas em categorias socialmente significantes.” (Ibidem:138).

Heilborn e Goodenough permitem perceber essa “gramaticalidade” de relações sociais na atualização de valores que situam os sujeitos tornando-os significantes não só dessas relações como também de seus desejos. Relações permeadas pelo ingrediente sexual (de gênero) — mesmo que seja o da inversão. Sujeito significativo desse universo exterior interiorizado em uma gama de possibilidades limitadas por valores que se fabricam e se atualizam constantemente.

O que devemos ter claro é justamente a possibilidade de diferentes identidades sociais assumidas nos diferentes espaços sociais que permitem essa infiltração de um personagem até então segregado aos guettos, ou às “margens”, onde criava um espaço quase que exclusivo com objetivo de desfrutar seu status.²⁹ É possível ser um travesti ao

²⁹Goffman, num estudo clássico sobre identidades estigmatizadas, considera uma espécie de engajamento de negação coletiva da ordem social promovido por alguns indivíduos desviantes (prostitutas, viciados em drogas, delinquentes, criminosos, boêmios, ciganos, parasitas, gigolôs, homossexuais etc.), cujos indivíduos são incapazes de usufruir as oportunidades disponíveis para o progresso de caminhos aprovados pela sociedade, que, dentre outras faltas a moral é a mais provável. “*Os desviantes sociais, conforme definidos, ostentam sua recusa em aceitar o seu lugar e são temporariamente tolerados nessa rebeldia, desde que ela se restrinja às fronteiras ecológicas de sua comunidade. Como os guetos étnicos e raciais, essas comunidades constituem um paraíso de autodefesa e um lugar onde o indivíduo deslocado considera abertamente a linha em que se encontra como tão boa quanto qualquer outra (...). Os desviantes sociais também fornecem modelos de vida para os normais inquietos, obtendo não só simpatia mas também adeptos.*” (Goffman, 1981, p.151.) Ao que me parece a temporalidade de “tolerância” dessa “rebeldia” não

mesmo tempo em que se é filho, se é aluno, se é vereador, ou ainda queira se ser sei lá o que, sem que necessariamente se seja somente prostituto, transformista, celebridade televisiva ou “bicha louca”.

É possível travestir-se sem isolar-se em guetos e sem constranger demais a “face” do “outro” por que “já está assimilado” - como havia me falado uma professora de um colégio de segundo grau onde haviam estudado alguns travestis.

Velho afirma que a fragmentação social impõe diversos domínios ao mesmo sujeito e permite uma relativa liberdade de realização de múltiplos papéis, por detrás dos quais se pode perceber consistência e coerência no devir social.³⁰ Possibilita um consentimento tácito, implícito, na relação de papéis entre os diversos sujeitos, típico do meio urbano, que autoriza a construção de papéis, mesmo que condenáveis pela leva maior e mais conservadora da sociedade.

Enfim, essa sensação múltipla de urbanidade, acentuada ainda pela dinâmica de comunicação, torna possível assimilar com menos resistência mudanças e territórios emersos impensáveis há poucas décadas atrás.³¹

*

Quando deparamos com a notoriedade de um fenômeno como um fato social novo,³² devemos levar em consideração os meios e condições que possibilitaram o surgimento do mesmo. É evidente a influência dos meios de comunicação na socialização do indivíduo, mas não podemos negar a capacidade dos sujeitos na re-significação das mensagens. Atribuir somente aos meios de comunicação o surgimento de tal fenômeno

tem fim, os “destoantes” estão muito bem entoados, não só pela “simpatia” dos “normais inquietos” e de seus “adeptos”, como também pela simpatia de “normais quietos” e dos “não adeptos”. Florianópolis nos dá o tom desse envolvimento, a autodefesa não se dá no “paraíso” dos guetos. Também não quero generalizar a questão da construção transgênero como algo longe de qualquer espécie de isolamento, por mais sutil que seja; mas não são a concentração e isolamento os fatores decisivos dessa construção. Existe uma estrutura social que o absorve não só na prostituição, como também no controle da catraca de um coletivo, numa escola, no banheiro das meninas e na educação física com elas, na chamada escolar, na faxina de uma casa de família, em clubes “normais” de dança etc. São alguns casos que há quem diga que são isolados, mas a absorção desses casos “isolados” não é isolada. Nesses ambientes não é um indivíduo aceitando-os, são vários.

³⁰ Velho, 1986, p.47.

³¹ Sobre esses territórios emersos, segundo Massimo Canevacci, é que o etnógrafo “(...) deve fixar o próprio olhar oblíquo e furtivo. Neles, de um lado o que é familiar se transforma em estranhado, distanciando-nos da norma e arrastando-nos para o que está se dissolvendo; de outro, o que é estranho se transforma em familiar, avizinhandos das regras, fazendo-nos assistir, compreender e até, se possível, transformar as novas opções urbanas que estão para ser iniciadas.” (Canevacci, 1993, p.34.)

³² Segunda Silva, travestis no Rio (fora do período de carnaval) é uma experiência de aproximadamente 30 anos. Em Florianópolis é de aproximadamente 15 ou 18 anos.

restringe a compreensão do mesmo. Falar em massificação somente como um bloco compacto exclui o que de mais precioso existe em uma massa: sua plasticidade — traduzida em capacidade de atualização.

Os meios de comunicação não só ajudam a construir uma cena, como também revelam cenas construídas. Ao revelar esses novos papéis no cenário nacional (ou mundial), nos vemos imbuídos de situar-nos com os de nossa própria “casa”.

*

O travesti constrói uma identidade que começa no seio da família e da comunidade onde mora, encontrando espaços sejam em clínicas, farmácias, na prostituição com clientes ávidos em *comer* ou em serem *comidos*, num relacionamento afetivo de conjugalidade, ou ainda numa carteira escolar. A especificidade das relações construídas e conquistadas pelo travesti e positivamente valorizadas por seus interlocutores, tanto no público como no privado, demonstra a fluidez com que os conceitos socialmente inculcados são trabalhados.

Cabe trazer o travesti como exemplo de realização de identidades que emergem do recôndito do que podemos chamar de identidade moral dominante. Personagem, ao que parece, avesso ao discurso, mas não tão avesso às práticas sociais legitimadas de forma atomizada.

A notoriedade desse personagem merece nossa atenção com relação às exigências e emergências da realidade social. A variabilidade de ambientes, trânsitos e o campo de possibilidades na gerência da identidade social nos fazem compreender melhor o universo dessas relações além de algumas estruturas rígidas de papéis.

Evitar a apreensão viária do travesti, conversar com eles, jantar com eles em restaurantes, ir ao cinema, convidá-los a nossa casa, visitá-los na casa deles é inscrevê-los no circuito do humano, retirá-los da vitrine viária, da terra encantada onde florescem fadas e monstros, para situá-los no contexto de onde pode emergir o sentido e o afeto. O universo dos travestis não é mais nem menos complexo que nenhum outro, contém especificidades que exigem cuidados específicos.³³

As especificidades dessas relações em seus mais diversos contextos trazem à tona ambigüidades que não são explicáveis nem com teorias gerais de desvio, nem com *ética* dominante no que concerne ao comportamento de gênero e papéis sexuais.

³³ Silva, 1993, p.82.

*

Apanhavam se ousavam sair às ruas. Eram presos por atentado ao pudor. Viviam espantados e medrosos (...) Assim o travesti se impôs em nossa recente história urbana. Sua tática foi essa: em caso de perigo, sacar do homem que guardava sob as roupas. E, depois de alguns estragos históricos, já nem precisava ir às vias de fato. Basta deixar claro para todos que ele pode sacar esse homem quando bem entender.³⁴

Sobre esse relato da experiência carioca de Silva, me lembro também das histórias de famosos travestis que rondavam pela centro da cidade (Ilha) com lâminas de aço entre os dentes ou nas mãos. Lembro-me nitidamente das madrugadas dos carnavais de minha adolescência, no coreto da Praça XV, na época pouco iluminado: nos sentávamos, eu e um amigo, para observarmos as putas, veados, travestis, e outras figuras interessantes que ali paravam para negócios vários. Rolavam sexo, maconha, boletas, venda de algo roubado, bebidas e outras coisas mais. Coisas da inversão do espaço no carnaval a *la* Baktin e Da Matta.³⁵ Uma imagem da época que tenho bem viva é a de um famoso travesti da cidade a nos mostrar uma “gillete” em uma das mãos enquanto meu amigo, Renê, mamava em seus peitos avolumados com silicone.³⁶

Se historicamente o travesti se impôs pela violência, atualmente, em Florianópolis ele se impõe com maquilagem suave, gestos amenos e delicados; recato, discrição e *trajes meio termo...* - há alguns da *batalha* que exacerbam um pouco. Quem sabe usufruindo e negociando um legado deixado pelos que abriram caminho pela imposição da violência contra a violência.

Entre os fenômenos de agressão ao travesti, frente à quase impossibilidade de colocar os pés na rua, a que aludem os travestis que hoje beiram os 50 anos, ou à manifestação patológica estudada por Bárbara Soares, estaríamos hoje vivendo um processo histórico, em que o preconceito não está ausente, as

³⁴ Idem, *ibidem*, p.41.

³⁵ Mas, para quem conhece um pouco a história da Praça XV sabe que a inversão do espaço ali não depende só do carnaval. Ela já se desenhou humanamente de várias formas ao longo de sua história. Meus avós já fizeram “footing” na praça no mesmo horário que hoje transitam prostitutas, alguns michês e travestis. Vale lembrar que era a época do “footing” em que algumas moças iam à frente e os pais atrás. Lisa Coradine (1992) realizou um trabalho sobre a apropriação do espaço na região central da cidade e nos fala sobre o aspecto “mosaico” que a praça possui, que se molda, conforme horários e épocas.

³⁶ Também com carinho guardo lembranças de Renê, amigo da adolescência, um pouco mais velho do que eu. Tínhamos muito apreço um pelo outro. A última vez que o vi estava internado, adoecido da *maldita*. Ele era soro-positivo. A última vez que ouvi sobre ele foi num “pedido de luz” feito para ele por uma senhora durante uma novena em casa de minha mãe. Renê havia morrido na véspera da novena próxima ao natal de 1995.

agressões ainda espoucam, mas, ao contrário de antes, o que se tornou patológica foi a rejeição ao travesti.³⁷

Silva, com relação à visibilidade *sublinhada* do travesti, comenta que hoje o travesti, mesmo o de rua, busca a contenção e simplicidade:

Não para chegar ao estereótipo da ‘mocinha pura e recatada’, mas para situar-se quase no plano das nossas secretárias de escritório, funcionárias que trabalham nas empresas do centro da cidade e se vestem de tal maneira que fiquem bonitas e atraentes, mas que também se sintam cômodas para pegar um ônibus e viajar de pé, freqüentar lanchonetes, andar de um lado para outro levando memorandos e providenciando, enfim, todo um conjunto de pequenas coisas que fazem a vida de um escritório. Esse tipo de vestuário, que alia considerações estéticas e exigências práticas, aparência atraente e mobilidade, me parece servir de paradigma aos travestis mais jovens.³⁸

Essa preocupação na busca do modelo feminino com o cuidado de não extravasá-lo, de disfarçá-lo com gestos e interdições comedidas, almejando não se tornar um “caricato”, contém os ingredientes performáticos desse personagem com relação às agruras sociais detectadas com a discriminação para com os papéis de gênero.³⁹

*

Indicar um pano de fundo, uma tessitura⁴⁰ social que permite uma maior inserção do travesti também se faz necessário:

Não se pode supor que as primeiras escaramuças entre travestis pioneiros e retrógrados agressores que vão erodindo a intolerância em relação ao transvestitismo tenham-se dado sem uma certa articulação (...) As mutações na moda masculina e feminina, o apontar para o unissex, a indeterminação de certos itens (cabelos longos) produzem brechas através das quais penetram os travestis, cujos shows já são consagrados por volta de 1966, 1967, 1968.⁴¹

³⁷ Silva, *ibidem*, p.119.

³⁸ *Idem*, *ibidem*, p.38-9.

³⁹ Mas, tal papel de discrição não cabe somente ao travesti; discrição que muitas vezes nos serve de disfarce social à visibilidade de algumas de nossas “*faces*” que nos afligem, ou nos deixam embaraçados quando expostas demais em certas circunstâncias. Qual de nós já não exasperou de forma extremada ou ocultamos numa docilidade nossas identidades (*macho - fêmea*) para marcar territórios ou protegê-los.

⁴⁰ Tessitura: “*Mús.*1. Conjunto dos sons que abrangem uma parte da escala geral e convêm melhor a uma determinada voz ou a um determinado instrumento (...) 3.*fig.* Organização; contextura” (“Novo Dicionário Aurélio”, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, ed. Nova Fronteira). Essa voz grave, disfarçada, mas eloqüente e incisa naquilo que se determina, travestidamente, parece encontrar conveniências ao ritmo dos novos *sons*.

⁴¹ Silva, 1993, p. 112.

Nessa tessitura... (nesse tecido), interessa o que a experiência local nos traz de (re)cortes e estampa.

*

Um traço que constitui uma característica perceptível com relação ao travesti na Ilha é a preocupação com o recato e a discrição; faz parte dessa identidade e abre mais espaços no empenho de diferentes papéis detectáveis. Valéria, travesti muito jovem e não prostituto é um dos que, entre outros, fornece a dica:

“Eu vivo diferentes mundos: tenho minhas amigas que se prostituem e meus amigos e amigas no colégio e no bairro. São dois mundos diferentes”.

Na época em que mantive contato com Valéria, de visita ao apartamento de dois travestis que se prostituíam, ela era estudante do segundo grau e neófito no transvestitismo, apesar de se considerar um transexual antes mesmo dessa decisão. Decisão que estava cada vez mais se adiando devido as pressões em casa. Mesmo assim Valéria parecia viver de forma intensa essas várias identidades sociais característica de um universo fragmentado. Morava em um bairro de classe média baixa, estudava numa escola pública no centro da cidade, possuía uma relação “estável” com a família, tinha amigas (travestis) prostitutas e colegas mulheres (não prostitutas) no bairro e na escola. Mesmo com um pai magistrado aposentado e muita pressão em casa sobre seu comportamento ela podia assumir a identidade travesti em vários momentos.

Construção anatômica comercializada:

A vida no meio urbano moderno é fundada basicamente em relações secundárias que por sua vez encontram base numa estrutura econômica de produção do meio, onde muitas coisas são reduzidas ao “quanto?”.⁴²

O efeito dessa crescente interdependência das partes, sob condições de competição pessoal, é criar na organização industrial como um todo um certo tipo de solidariedade social, mas solidariedade fundada não sobre sentimentos e o hábito, mas sobre uma comunidade de interesses.⁴³

⁴² Simmel in Velho, 1973, p.12-16.

⁴³ Park, in Velho, ibidem, p. 43.

O mercado se interpõe entre as pessoas, interferindo nas relações sociais com as leis abstratas das relações entre mercadorias.⁴⁴

A fragmentação social imposta com a transformação das relações do trabalho, do mercado, inflaciona-se numa hiper condição:

A comunicação das mercadorias, isto é, a mercadoria exposta e a forma que difunde espontaneamente - isto é, 'ventriloquamente' do seu interior, das suas entranhas, da sua interioridade - e legitima seu poder de categoria. A comunicação como terreno do conflito avançado, no qual se determinam as relações de força entre os que detêm o poder de comunicar e os que detêm a impotência de ouvir. Do entrelaçamento cada vez mais inextricável entre comunicações e mercadorias nascem as paisagens contemporâneas - 'vídeo-scape' e 'visual-scape' - que estratificam e fragmentam a composição das classes sociais, de um modo complexo e que não pode ser mais resumido nas simples dicotomias dentro das relações de produção.⁴⁵

Existe uma relação entre essa forma fragmentária de conviver socialmente e o nível de aceitação do travesti, da maneira efetiva com que constrói sua imagem.

A aceitação do travesti como consumidor não se restringe somente aos grandes centros, ocorre também na "minúscula" Florianópolis. Essa comercialização da possibilidade de construção morfológica de um corpo masculino em feminino integra a ambiência dada pela relação entre travestidos e não travestidos. Desde os hormônios comprados em farmácias até às cirurgias e introjeções de silicone em clínicas "especializadas". E, também, porque não, na negociação de um corpo prostituído.

Poderíamos indagar se o travesti é mais aceito em classes de menor poder aquisitivo. Sem dúvida a grande maioria emerge dessas classes. As relações de afetividade, inclusive, envolvem muito mais indivíduos do mesmo meio social. Mas o percurso de construção e produção de um corpo anatomicamente feminino extrapola as relações com indivíduos do mesmo meio. A começar pela prostituição, por exemplo, pude verificar que os clientes dos travestis, a julgar pela aparência e porte dos carros que os abordavam nos "pontos de pegação", pareciam sujeitos pertencentes às classes de maior poder aquisitivo.

⁴⁴ Taussig, no texto *El Diablo y el fetichismo de la Mercancía en Sudamerica* (1993, p. 47), ao falar sobre o diabo e o fetichismo da mercadoria em sociedades campesina, faz interpretação do fetichismo nessas sociedades baseado em uma análise marxista sobre o mercado em sociedades modernas capitalista e toca na questão do fetichismo dessa auto-regulação smithniana (o smithniano aqui é meu, o autor não usa esse termo).

⁴⁵ Canevacci, 1993, p.140.

Segundo relatos de vários travestis, muitos eram empresários, “filhos de papai”,⁴⁶ altos funcionários públicos e uns poucos políticos. O dinheiro proveniente dessa “transação” proporciona a reprodução de um corpo feminino.

Também não é raro a compra de hormônios em farmácias e aplicação intramuscular do produto no local onde ele é adquirido, muitas vezes aplicado pelo proprietário da farmácia. Mesmo que ele não execute a venda e aplicação do produto, por não trabalhar diretamente com o público e cuidar de outras atividades de seu negócio, a farmácia executa o serviço com seu consentimento, ainda que exista um código de ética sobre questões desse tipo, relacionada à venda de medicamentos sem prescrição médica:

*“A gente sabe quando eles buscam o medicamento para crescerem os seios (...) Existe um código de ética que proíbe a venda de medicamentos proibidos sem prescrição, mas a indústria do remédio força a venda”.*⁴⁷

Um outro relato trouxe indício de que essa é uma postura quase que generalizada:

“Depende da farmácia. Essa farmácia tem a postura de não vender medicamentos sem a prescrição médica. Costumo ainda orientar sobre os males que o medicamento faz (...) O problema é que somos um estabelecimento comercial. Existe a indústria do remédio que praticamente obriga essa comercialização (...) Se você sair por aí, em qualquer farmácia vai encontrar e adquirir, mas nós não vendemos. Foi uma postura que a farmácia adotou.”

Há também os cirurgiões que realizam as operações de transformação plástica do sexo masculino em feminino.

Enfim, essas relações de interesse, de certo modo descompromissadas, que são estabelecidas entre personagens distantes, “estranhados”, tanto em classe como em ideal de gênero, só é possível num ambiente fragmentado que justifique e descomprometa a relação.

⁴⁶ “Filhos de papai” é uma expressão muito usada aplicada ao jovem na faixa entre 19 e 25 anos que costuma chegar no ponto com um “puta carrão”. Não são os clientes mais comuns.

⁴⁷ Depoimento tomado com um funcionário de uma farmácia.

(PARTE II)
CAP.3: PRODUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO:
Fazendo Gênero

Eram 21:30, o local do evento era a sala de vídeo do Centro Integrado de Cultura⁴⁸ —uma sala em forma de anfiteatro —, a “interação” envolvia um transformista em performance e na seqüência dois *drag-queen*(s). Para o primeiro número, no palco, um camarim a rigor: com espelho, um biombo para a troca de roupas, uma penteadeira, cortinas, panos, roupas etc. As únicas luzes eram as do espelho iluminando o artista que se preparava para o número. De costas para a platéia (de aproximadamente 60 pessoas) na penumbra, respondia várias perguntas sobre seu trabalho como transformista, entre outras sobre vida pessoal. A ele, declaradamente homossexual, fora perguntado se considerava-se um travesti. Categoricamente responde que não. Mesmo se exprimindo com gestos bem afeminados, disse não travestir-se vinte e quatro por dia, mas somente em shows. Ao final da sessão de maquiagem e perguntas, vai para trás do biombo para dali sair transformado em Nei Mato Grosso (por duas vezes) e em Beth Carvalho. Foram três números musicais muito aplaudidos pela público ali presente.

As *drag-queen*(s) vieram em seguida. Ao serem anunciadas por uma das organizadoras do evento foi solicitado que se evitassem perguntas sobre suas verdadeiras identidades. As mesmas deveriam ser preservadas. Ambos eram funcionários públicos de uma Instituição federal e o motivo do anonimato, me parece, tinha a ver com a atividade que exerciam em suas profissões. As duas eram enormes e estavam completamente produzidas: muita pintura, piteira, botas e saia curta colada ao corpo. Eram muito animadas. Falaram sobre o que é ser uma *drag-queen*, o clima festivo em que eram envolvidas quando se transformavam e saíam na noite. Comentaram sobre o risco da agressão: uma vez quase levaram uma surra em um bar. Costumam transformar-se somente em finais de semana ou algum outro dia em que são contratadas. Ao final do “bate-papo” agradecem e distribuem cartões para contato caso alguém estivesse interessado em animar alguma despedida de solteiro, chá-de-panela, ou outra festa qualquer. Também foram perguntados se consideravam-se travestis. Responderam que não. Havia distinção entre um

⁴⁸ O CIC (Centro Integrado de Cultura) localiza-se na Trindade, mesmo bairro onde fica a UFSC (Florianópolis/SC). O prédio, relativamente grande, é constituído de salas, auditórios e anfiteatro destinados a vários eventos culturais: cinema, vídeo, teatro, shows musicais, oficinas, vernissagens etc. Além do bar e escritórios da Administração. O local acolheu um evento organizado pelo Curso de Estudos Culturais do Depto de Jornalismo da UFSC em 1996. Consistia na apresentação de vídeos e realização de oficinas com temas diversos.

travesti e uma drag-queen. Para elas o travesti é aquele que assume vinte e quatro horas por dia. Não eram o caso.

A constituição do feminino traz perguntas várias, mas uma liga-se diretamente ao travesti: é o hormônio e o silicone que produzem definitivamente o feminino e/ou o caráter permanente da transformação visual (gestos e vestes)?

A distinção que o transformista e as *drags* fazem com relação ao travesti é algo atrelado à maneira como esses personagens montam o gênero feminino. O travesti incorpora permanentemente a condição que está além do homem afeminado. Vive uma situação de “estar mulher” de maneira evidente. Torna-se visível em formas, maneira de falar, gesticular e vestir-se. À primeira vista, a silhueta em formas roliças e arredondadas, proporcionada por hormônios e silicone, é a que mais chama atenção. Uma das características do travesti é a obstinação na busca do “tipo” mulher.

O “drag-queen” e o transformista se encaixam no aspecto esporádico, da transformação. Quem sabe estivéssemos diante do travesti fetichista de Stoller.⁴⁹ De momento não arrisco classificações fechadas. Diria que esses três personagens — travesti, transformista e “drag-queen” — distinguem-se pela forma com que vivem diferentes condições de representação de gênero, definida pela posição que cada um assume em relações interpessoais: de amizade, afeto, formais e informais.

⁴⁹ Robert Stoller (1982), seguindo essa linha psicanalítica, faz uma classificação do travestismo segundo uma fenomenologia: a) o travestismo fetichista seria realizado por homens heterossexuais que usariam roupas do sexo oposto e se excitariam com elas, estes travestis manteriam suas atitudes masculinas quando não estivessem travestidos, quando passassem por mulheres manteriam algumas características de homem. Se travestem por pura excitação sexual e são heterossexuais; b) o transexualismo seria a não superação da fase simbiótica em que a criança, ainda de colo, se identifica com a mãe e comporta-se permanentemente como menina; a criança não vive o drama edipiano. O transexual rejeita seu falo e inibi-se em excitá-lo. Não possui durante sua vida períodos alternados de masculinidade e feminilidade, são permanentemente femininos e são os clientes em potencial de operação para transformação do sexo biológico; c) o homossexual feminino identifica-se com mulheres e compete com elas. Veste-se com roupas de mulheres, mas de forma interrupta e não sente excitação sexual por elas em seus corpos. Sente atração sexual por homens e não gostaria de perder o seu pênis, aprecia também relação sexual por homens que apreciem seu pênis; d) psicóticos, incertos e latentes apresentam distúrbios e alucinações de transformação do corpo como se estivessem se tornando o sexo oposto e são descontraidamente femininos; e) o grupo misto alguns são fortemente fetichistas e possuem desejos de transformação sexual, outros são homossexuais prostitutas que passam por mulheres bonitas tão bem quanto homossexuais e não desejam perder o pênis. Outros são fetichistas, homossexuais, heterossexuais e transexuais ao mesmo tempo; f) o travestismo casual são casos em que adultos ou crianças experimentam roupas do sexo oposto, mas não apresentam nenhum dos sintomas anteriormente mencionados, se apresentam é de forma amena. Esses casos são transitórios e casuais e não conduzem a patologias posteriores. A classificação de Robert Stoller dificulta isolar elementos definidores do comportamento travestido. Pois se ele não tem um traço ou outro, será casual; caso possuísse mais de um traço, será do grupo misto; se possui um só traço, será tal coisa e assim por diante até encontrar-se novas formas psicológicas de definir um travesti. Muitas vezes a quebra da regra de uma dessas classificações não depende somente de uma atitude psicológica do travesti. No caso do travesti prostituto, o papel ativo (de penetração) pode ser tomado numa relação homossexual pelo único interesse do pagamento pela prestação do serviço, podendo até mesmo sair repugnado dessa relação.

A preocupação das “drags” em ocultar a identidade e a do transformista em afirmar que não é travesti apontam para uma das particularidades do travesti: a nítida distinção de qualquer outra categoria homossexual. São tipos homossexuais que às vezes, em discurso, negam a identificação ou proximidade entre outras categorias homossexuais.

Essa vontade de ser visto e concebido como mulher, submetendo o corpo às transformações através do uso de hormônios e silicone — alguns ainda apelando para a transformação do pênis em vagina — faz do travesti um homossexual singular. Diferente de qualquer outro em gênero, número e grau.

*

Faziam quase três meses que eu não havia retornado aos pontos de prostituição. Quando voltei era começo de verão. O calor e o movimento das pessoas nas ruas também é maior pelo período da noite. Na esquina da Santo Saraiva com a Fúlvio Aducci desfilam seis travestis. Não reconheci dois deles à primeira vista. Mais de perto verifiquei que eram Pâmela e Vânia. Ambas estavam transformadas desde a última vez que havia falado com elas. Seus corpos haviam adquirido formas mais acentuadas numa silhueta feminina devido a um tratamento mais prolongado com hormônios e introjeção cirúrgica de alguns litros de silicone.

Travestindo-se, esses jovens, buscam a reprodução do tipo mulher, caricata⁵⁰ ou não, traduzindo tudo aquilo que mais aspiram: a constante preocupação com o “modelo” feminino. Não é raro o retorno às clínicas para abrir espaços com silicone de maneira que consigam algumas curvas:

“Acho que vou voltar pra fazer mais o quadril e umas maçãs no rosto. De repente eu faço os meus lábios mais carnudos também” - relata-me um travesti enquanto conversávamos sobre um colega seu que foi para Curitiba fazer implante de silicone.⁵¹

Não são todos os travestis que se submetem a essa busca desenfreada que algumas vezes assimila um mal maior: o de um corpo deformado por conseqüência de implantes feitos de maneira inconseqüente e pelo procedimento pós-cirúrgico inadequado. Alguns

⁵⁰ É comum assimilar-se a figura do travesti a de uma mulher “exagerada” nos gestos e no uso de roupas ousadas de pequenas peças coladas ao corpo; muita base para omitir a barba feita e um corpo siliconizado em saliências. Esse, o típico travesti quando nas “calçadas” ou em esquinas na busca dos intermináveis clientes.

⁵¹ Curitiba é a escala mais próxima e barata para essas cirurgias de implante de silicone. A maioria costuma sair de Florianópolis com o dinheiro no valor exato da cirurgia, da passagem de ida e pouco mais para pagar a estadia em alguma pensão ou hotel barato por dois ou três dias. Alguns costumam, já no segundo dia, ir para a “batalha” em Curitiba mesmo para conhecer o “Trottoir” no lugar e conseguir dinheiro para a volta.

travestis me falaram que o cirurgião recomenda uma semana de repouso devido às dores que causam nos primeiros dias e a possibilidade de rejeição que pode haver caso haja uma movimentação muito intensa com o corpo.⁵²

Os travestis mais jovens passam facilmente por mulheres devido ao tom de voz ainda não tão grave e a relativa ausência de pêlos. Estes costumam se contentar com as formas que os hormônios ingeridos ou injetados, comprados em farmácias, proporcionam ao corpo. Contentamento comum devido a certa eficácia com que as drogas são assimiladas por um corpo ainda jovem, adolescente. Algumas vezes fui surpreendido. Mesmo estando a uma distância de conversa que me permitia ver uma barba meticulosamente feita ou um bigode em ascensão disfarçado com *blonde*,⁵³ duvidava que fosse um travesti.

Certa noite, num ponto de prostituição, surge um Kadett do ano e estaciona próximo a esquina onde estávamos. Dele saem uma morena corpulenta de grandes seios e nádegas juntamente com duas negras muito jovens. Surpreendeu-me a beleza feminina das negras: ambas trajando calça de lycra branca e bustiê da mesma cor. As três vêm de encontro aos travestis do “ponto” onde eu estava. Pelo fato, até então, de nunca ter visto um travesti de carro e pela beleza “confundível” achei que se tratavam de garotas de programas que conheciam os travestis. Para minha surpresa, tratava-se de travestis que também se prostituíam e apareceram para dar um alô.

Em outra ocasião, sentado à mesa de um bar, digamos, eclético em seu público com relação a orientação sexual, chega um amigo e senta-se à minha mesa para conversarmos e bebermos juntos. Observávamos a todos. Próximo a nós, havia uma mesa com algumas jovens. Uma delas, por nosso conhecimento, é uma figura reconhecidamente homossexual; e era claramente o centro das atenções na mesa. Dentre as moças, a que mais chamou a atenção de meu amigo foi uma de cabelos castanho escuros de muito jovem aparência. Era magra e graciosa. Trajava um vestido de corpo inteiro, de alças com uma camiseta por baixo. Essa jovem veio conversar com um homossexual “declarado” que estava numa mesa ao lado da nossa. Este último pediu que apresentasse a jovem e convidou-a a sentar-se conosco. Após alguma insistência ela dirige a palavra:

⁵² Numa oportunidade, assistindo um vídeo do curso de jornalismo da UFSC sobre travestis, realizado em 1990, pude constatar o depoimento de um antigo travesti de Florianópolis que há anos havia feito o implante e logo “caiu na rua” se metendo numa briga, seu rosto no vídeo se mostrava deformado exibindo duas visíveis e proeminentes bolas ao invés de suaves maçãs.

⁵³ Substância química viscosa, usada principalmente pelas mulheres para clarear pêlos do corpo.

“Você tá enganado comigo. Eu não sou quem você pensa. Eu não sou mulher”.

Espantei-me. Meu companheiro não se deu muita conta do fato. A música e o murmurar no bar abafaram suas palavras, mas pude ouvi-las por estar mais próximo dela (ou dele, para quem preferir). Ela sai da mesa, volta para a mesa do gay ao nosso lado, trocam algumas palavras próximas aos lábios e beijam-se. Comentei a declaração com o colega e ele não quis acreditar.

Ela era perfeitamente confundível. Sem pelos na face, voz suave, pequenos seios, rosto de feições suaves. Em sua mente, ele jamais admitiria ter sido presa fácil de um travesti. Publicamente ela poderia ter sentado ao lado dele, paquerado-o, fazer jogo difícil, acariciar e beijá-lo; era o que mais ele desejaria naquele momento. Mesmo eu, que contatei com travestis durante algum tempo, me enganei. Seus gestos, maneira de falar, olhar... Tudo levou-nos a crer que se tratava de uma bela jovem também feminina em seu sexo biológico (não lhe perguntei se havia feito cirurgia para transformação do sexo).

Conversando com uma amiga que costuma dançar em uma casa de música ao vivo no complexo residencial Kobrassol, local que possui uma relativa vida noturna, falou-me que nesta mesma casa costuma freqüentar um travesti. Mas soube de sua identidade há pouco tempo. Mesmo assim foi através de outra pessoa, caso contrário, para ela, seria sempre uma mulher a mais no local.

A forma como esses atores constroem sua identidade e a exteriorizam em seus gestos, corpo e falas - no caso dos mais cuidadosos nessa construção - confundem ou enganam aos diversos atores não afeitos a essas práticas. Muitas vezes, até os mais envolvidos e conhecedores do fenômeno são levados a crer, conforme o ambiente, que estão na presença de mulheres.

Como Silva nos coloca: “Haveria uma ‘pinta’ de travesti?”⁵⁴

A questão é delicada, como o próprio autor aponta. Esses personagens longe do ambiente em que são alocados pelo imaginário comum — esquinas, televisão, boate gay, bar gay, em grupos na rua etc. — com roupas e maquiagem discreta, dificilmente são reconhecidos como travesti.

Basta, por exemplo, sair na Tijuca, um bairro tido como conservador, com um travesti bem ‘feminino’, como fiz, para notar que, em uma boutique de artigos femininos onde Lucrecia experimentou cintos, colares etc., em uma lanchonete freqüentada por mim, onde supuseram tratar-se de minha filha, ou em minha casa, onde um vizinho, homossexual habituado a freqüentar ambientes de

⁵⁴ Silva, 1993, p.53-4.

travesti (no Brasil e na Alemanha, onde morava), a confundiu com uma mulher. O reconhecimento de um travesti na rua depende de algumas outras variáveis, outros códigos, outras séries, como o lugar onde ele está (sabemos quais são os pontos de travestis) ou as provocativas roupas de travestis que praticam a prostituição, que raramente são as que usam fora do trabalho.

Descontextualizados de seus cenários e desprovidos das sedutoras roupas profissionais, os travestis — sobretudo os da nova geração — não são reconhecíveis. Há contudo um limite, que raros enfrentam: a voz. A voz, sobretudo ao acordar.⁵⁵

É interessante notar o convencimento pelo qual passa essa construção do feminino, tornando-se convincente até mesmo nas histórias de vida. Alegam passagens e buscam justificativas para essa condição de se sentir mulher:

“Sempre me senti mulher. Já nasci quase mulher, só faltou uma vírgula (...) Com 14 anos me apaixonei por um professor e com dezessete perdi a virgindade com um colega de aula (...) Agora eu quero casar pra ter alguém” - relata Vânia.

Jussara tem lembrança de ouvir sua mãe dizer que gostaria de ter uma filha mulher para ajudá-la em casa e fazer-lhe companhia.

Sílvia acha que sua homossexualidade é da própria natureza biológica, desde quando se conhece como gente sempre sentiu atração por homens e assumiu o jeito feminino.

Darling lembra de sua homossexualidade desde os sete anos de idade:

“A gente com sete anos já sabe o que quer e eu já queria”.

Fanny desde criança nunca sentiu atração sexual por mulheres e sempre brincou com meninas:

“Eu não me sinto uma pessoa revoltada, só me sinto mal porque me sinto uma mulher, mas alguma coisa me diz que sou um homem. Nasci com o sexo que eu não gosto (...) Eu não tenho culpa de me atrair por homem. Tentei gostar de mulher, mas não dá”.

A auto-afirmação pelo papel feminino é algo que acompanha constantemente a fala de muitos travestis. As argumentações sobre passagens na infância falam não só sobre um menino afeminado, delicado, nos contam sobre alguém que justifica uma identificação pela construção do gênero oposto ao seu sexo biológico. Jovens, não mais crianças, determinadas a dar autenticidade à maneira como preferem se sentir e como gostariam de serem vistas.

⁵⁵ Idem, ibidem, 1993, p.54.

Os empecilhos sociais a serem vencidos para essa conquista não são poucos, como também os de ordem biológica se tornam um inconveniente.

O falo, esse elemento biologicamente definidor do gênero masculino, torna-se intrigante no projeto de construção feminina. A decisão pela operação para extirpá-lo depende não somente do desejo de tornar-se mulher, mas também da necessidade de possuí-lo enquanto instrumento de prazer e/ou trabalho; ou, ainda, do poder aquisitivo para a operação. Encontrei travestis que me declararam rejeitar seu falo, sentirem-se constrangidos por possuí-lo - num número reduzido - e negarem-se a fazer a operação. Como também conheci um travesti que me afirmou saber “lidar muito bem” com seu pênis, o que não o constrangia em aceitar a idéia de mutilação:

“Meu sonho é fazer minha cirurgia. Se hoje eu ganhasse um prêmio e tivesse que escolher entre um bom apartamento mobiliado e a cirurgia, eu escolhia a cirurgia. O apartamento a gente resolve depois”.

O travesti que me fez esse depoimento costuma prostituir-se como também passa por períodos que não “batalha” na rua e pratica outras atividades como faxinas e venda de roupas no bairro onde mora.

Acredito ser a consciência do processo de mutilação algo psicologicamente forte e “pesado” na cabeça de muitos travestis.

A rejeição ou aceitação do pênis como algo usável talvez seja ponderável quando se queira falar em tipos travestidos. A maioria dos travestis por mim contatados não havia feito a operação para transformação do sexo biológico.⁵⁶ Pelas conversas, pude concluir que são poucos os travestis que optam pela transformação pênis-vagina, principalmente os que se prostituem, cujo pênis é essencial em muitos programas com clientes. A decisão de anulá-lo pode fazer com que a renda obtida dessa atividade decaia consideravelmente devido à grande procura por travestis pelo público homossexual masculino.

A consciência da possibilidade de penetração é um dos elementos que também faz as nuances de gênero. Alguns travestis me relataram sentirem atração e penetrarem seus companheiros afetivos que comumente fazem o tipo homem “macho”:

“Eu não resisti quando vi aquela bunda linda e fiz ele”.

Outros me falaram que só “comeriam” seus “maridos” por amor e a pedido destes, caso contrário jamais os penetrariam.

⁵⁶ Vale lembrar que tal cirurgia é legalmente proibida no Brasil, a não ser em caso comprovado de hermafroditismo.

Independente de penetrar ou não seus parceiros afetivos, todos os travestis demonstraram um grande desejo em manter relações de afeto com outros homens segundo o modelo heterossexual e fazendo o papel de mulher submissa. Costumam, às vezes, abandonar a prostituição por seus “maridos”, geralmente jovens entre 18 e 24 anos.

Independente dos hormônios, silicone e extirpação do falo, existem outros elementos que caracterizam um travesti: podemos pensar na bicha caricata, do tipo mais extremado, do travesti de pista (calçadas) - daquele introjetado de “silicurvas” (nádegas, lábios, seios, maçãs do rosto), de cabelo *chanel*, num movimento ondulante e sedutor—; ou ainda podemos pensar no travesti que se contenta somente com hormônios, de forma moderada, e algumas roupas justas de maneira que salientem alguns contornos - nada comprometedor - como algo que possa ser omitido quando necessário com algumas roupas largas; podemos pensar no jovem travesti não prostituto que somente toma hormônios mas não hesita em usar saias curtas e blusinhas coladas ao corpo, ostentando sua pasta de material escolar frente aos seios; podemos pensar no travesti que abandona a família em Blumenau para poder ser uma “mulher completa” em Florianópolis,⁵⁷ mas hesita em transformar seu pênis em uma vagina; no travesti angelical que se diz transexual nato, que o falo lhe incomoda, que não consegue ter ereção, mas que teme muito uma operação de mutilação do órgão.

Nas “pistas” (calçadas) já vi travestis que botam pra quebrar sem muitas curvas: vestidos largos, cabelos de crespos grandes, magra, muita pintura e lábios carnudos. Aquela, aparentemente, bem pronta para sacar o homem contido dentro de si.⁵⁸ Travestis esporádicos encontrei poucos, ou quase nenhum. Lembro de uma única vez num ponto de batalha de travestis, quando chega uma “bicha boy” colega dos travestis da área, e, conversando comigo, afirmara que já se “*montou*” umas duas ou três vezes. Durante todo o tempo que permaneci em atividade de campo nunca o encontrei travestido. Outro jovem que também conheci no apartamento de dois travestis me afirmara que começou a se travestir, mas por pressão da família desistiu. Desde então procurava passar um visual meio andrógino, usar umas jaquetas de homem, calças totalmente coladas ao corpo, uns adereços femininos e, de leve, brilho nos lábios. Algumas variações que não se encerram nos casos aqui relatados. Silva nos fala sobre esse modelo de travesti que não está

⁵⁷ Em conversa com Vanessa ela me fala da dificuldade de se travestir em sua terra natal, Blumenau, por causa de sua família.

⁵⁸ Parafrazeando Hélio Silva, quando ele nos lembra que todo travesti tem um homem que pode sacar a qualquer momento.

acabado, nem congelado. Modelos que extrapolam o drama edipiano, em várias possibilidades e sem perfil definido. A gramática e a virtualidade do tipo buscado é o que toma corpo.

A barba?... Alguns pelos inconvenientes a serem extirpados.

O falo?... Algo a ser lembrado ou esquecido conforme o desejo e a necessidade do momento.

A voz?... Algo a ser dominado como um tenor preocupado com seu timbre.

O feminino?... Algo buscado incansavelmente nos mais variados fetiches que o leque do gênero permita.

Nossas construções sociais produzem signos. *Marcas* de gênero que supúnhamos indelévels. Vemos esses mesmos signos transitarem do corpo feminino ao masculino:

Dilata-se ante nossos olhos, ante nossa consideração e nossa memória todo o tecido complexo das amputações, castrações, ingestão de silicone, sólido, líquido, pastoso, a se insinuar nos lábios, queixos, bochechas, a se salientar nos mamilos, nas ancas, nas nádegas. Nas penosas e prolongadas sessões de eletrólise. Nas milimétricas correções pelos gestos e pela postura da morfologia masculina (...) Essas roupas expressam uma mulher (papel social aceito e reconhecido, mas que supõe para quem postule desempenhá-lo que seja uma fêmea), mas não podem ser expressão de si mesmo, quando este sujeito é macho. Assim, tais signos se atritam contra o macho subjacente.⁵⁹

Caímos em nossas próprias armadilhas: as de classificação. Buscamos um conjunto homogêneo e fundamentalmente invariável de comportamentos que justifiquem os clichês criados.

Fazer o “gênero” é algo que monta e desmonta-se usufruindo daquilo que consideramos viável e proveitoso ao nosso projeto de ser. O que se tem em mente diz muito mais a respeito do que possa ser uma relação de gênero do que propriamente o que nossos corpos biológicos possam sugerir sobre isso.

Um homem e uma mulher se uniram e dividem a mesma cama. Ela, uma mulher prendada que saiu das “pistas” para viver (por pouco tempo) uma vida devotada ao seu esposo: cama, comida e roupa limpa. Ele, um homem devotado ao trabalho e à esposa: cama e trabalho.

Seus nomes?

O dele é Carla e o dela é Wilson.

⁵⁹ Silva, 1993, p.114-15.

Romeu é uma lésbica de 36 anos de idade que viveu com o travesti Darling durante alguns meses. Não me senti à vontade em perguntar quem “dava” ou “comia”. Acho que nem precisava. O fato é que estava diante de uma relação cruzada de gêneros. A relação entre dois homossexuais pode ser ao mesmo tempo heterossexual. Não falo do casal bissexual, falo de fato de duas pessoas homossexuais: da lésbica que “casou” com a “representação” do feminino num “homem” e do travesti que casou com a “representação” do masculino numa “mulher”. Isso que pode soar como paradoxo é na verdade a mais pura e autêntica relação de “representação de gênero”. A máxima de Beauvoir ganha ainda mais ênfase em dois sentidos inversos: a mulher que se torna homem e o homem que se torna mulher.

Da última vez que falei com Darling, alguns meses após a visita em sua casa, na qual conheci Romeu, ela havia me dito que se separou:

“Tava cansada de viver pra uma pessoa só. Eu não agüento ficar em casa.”

Essa não foi a única relação desse “gênero” que pude verificar. Conheci também outro casal (lésbica/travesti) que havia namorado por algum tempo. Eram bem mais jovens que Darling e Romeu.

Essa união que pode parecer confusa é na realidade um ótimo exemplo do que seja uma relação de gênero: algo que transcende ao tipo físico. Dois homossexuais que se unem buscando o modelo marido/esposa numa representação simbólica de papéis desgarrada da perspectiva anatômica.

Apesar da busca dos travestis pelo modelo corporal feminino, a maior questão é a pré-condição permanente de idéias que concebem essa procura. Mesmo sendo um homem e uma mulher (biológicos), a representação dos papéis é que faz a particularidade da união. Ficarmos pensando em categorias como “passivo” ou “ativo” não é suficiente para entender comportamento que resultam de vários outros elementos extra-“cama”. Aliás, a antiga questão sexual de penetração não mais nos tem explicado muito coisa.⁶⁰

O corpo é erotizado à medida que se cria um espaço de interpretação para ele. Espaço que comporta idéias e desejos de sujeitos inclinados a satisfazerem suas aspirações. As expressões de significado do corpo dão o tom das relações interpessoais. No caso, interessa-nos a compreensão do corpo como “objeto físico” de externalização desses significados em contextos de interação social. O processo de significação do *corpo físico*

⁶⁰ Conversando sobre práticas eróticas com um informante, o mesmo me disse praticar muitas relações homossexuais fazendo o papel da “moça”, mas não gosta de ser penetrado.

objeto constitui a identidade de gênero. É nesse campo de significados motivados ideologicamente que o travesti faz o seu recorte de mulher: sensual e sedutora — mesmo com a discrição da moça recatada. Para isso obedece alguns padrões de beleza e estética vinculados a esse recorte. Ele não para por aí. Procura também o modelo esposa que cuida do “marido” e da casa. Foram vários os travestis que me falaram sobre o desejo de “casar”. De viver com o “bofe” e cuidar da casa. Assim, o travesti define um campo semântico de construção prática e discursiva de gênero, movido por um tripé de sustentação ideológica: “corpo”, “amor” e “casa”.⁶¹

⁶¹ Maria Esher A. Solis (1994), analisando duas revistas argentinas dirigidas ao público feminino, nos fala um pouco sobre esse tripé do ideal feminino.

CAP. 4: TRAVESTIS E A “REGIÃO MORAL” EM FLORIANÓPOLIS

Há alguns anos os travestis ocupavam os arredores da praça XV de Novembro - junto com michês -, no centro da cidade (Erdmann, 1981). Hoje parecem ocupar com mais frequência os espaços da extensão conurbada de Florianópolis. A repressão policial na década de oitenta era maior no centro da cidade e também contribuiu para essa dispersão. Ainda é possível encontrar travestis nos arredores da praça XV juntamente com michês e prostitutas, mas o espaço não constitui um ponto central de “pegação” no que diz respeito aos travestis.

Na parte continental os pontos de prostituição travestida mais conhecidos são os da esquina da Santo Saraiva com a rua Fúlvio Aducci e arredores; avenida Ivo Silveira (dois pontos na sua extensão); dentro do município de São José a aproximadamente três quilômetros dos últimos pontos mencionados fica o ponto da avenida Presidente Kennedy, próximo ao complexo residencial do Kobrassol. Na Avenida Central do Kobrassol, na região perpendicular à Av. Presidente Kennedy, também é possível percebermos a presença de travestis (ver mapa anexo). Todos esses locais são de intensa movimentação de carros e transportes coletivo. A maior movimentação de pedestres fica por conta do horário comercial.

Pela noite, quando esses personagens começam a chegar nos “pontos” a desfilarem de um lado para o outro, o “trottoir” é engendrado pela paquera e “pegação”. O assédio curioso de olhares mais distantes é substituído pelo assédio mais próximo dos clientes certos e em potencial.⁶² A área de circulação situa-se principalmente nessa região de prédios, residências, bares e estabelecimentos comerciais. Tudo numa dispersão que não chega a caracterizar a “Região Moral” de Park numa grande cidade, cuja área de circulação se mistura em territórios mais ou menos circunscritos compostos por bares, boates, saunas, cinemas etc. (atividades de consumo) com pontos de passagem e perambulação em praças, esquinas, ruas, banheiros e estações, onde os pontos de michês e prostitutas costumam estar sutilmente demarcados (espaços de perambulação e espaço de influências).⁶³ A busca dos indivíduos pelas mesmas formas de diversão, interesses e gostos em um espaço urbano que se caracteriza como áreas de desorganização — como casas de cômodos, prostituição,

⁶² Algumas vezes quando permanecia nos pontos de prostituição podia observar alguns sujeitos que rodeavam várias vezes a quadra - de pé ou de carro - sem poupar olhares aos travestis. Algumas vezes perguntava se minha presença atrapalhava a batalha, se alguns sujeitos se inibiam: me afirmaram que não havia problemas e que alguns somente rodeavam.

⁶³ Perlongher, 1987.

apartamentos pequenos, concentração de bares, boates, criminalidade, homossexualismo, boêmios etc. — compõe o que se pretende chamar de “Região Moral”. Nesse contexto, fluxos de populações e desejos motiva a procura de parceiros sexuais de mesmo sexo.

Florianópolis não possui tais características tão marcadas. Os recortes e territórios são bem mais sutis devido à proximidade com que os diversos atores interagem num perímetro urbano que estreita as malhas da rede de relações sociais. Como coloca Erdmann,

Claro que a Praça XV e seus arredores não são os únicos lugares públicos de encontro e de interação em Florianópolis. Existe toda uma hierarquia de lugares, dependendo dos horários, dos dias da semana, dos tipos de pessoas que vão interagir e da natureza da ação que terá lugar.⁶⁴

A hierarquia é constatada conforme os riscos da revelação “... e descobertas comprometedoras das identidades perante outros papéis que os indivíduos desempenham nas outras atividades diária, já que muitos são funcionários públicos, estudantes, profissionais liberais e autônomos” (ibid.)

Um travesti relatou que certa vez entrou numa loja do centro da cidade para comprar uma camiseta e, quando foi ao caixa pagar, deparou-se com um cliente com quem fizera um programa na semana anterior:

“O cara ficou branco. Ele não sabia pra onde olhar. Simplesmente paguei a mercadoria, agradei e fui embora”.

O que de mais marcado existe com relação à “Região Moral” ou “Boca do Lixo” no perímetro urbano central da cidade são as áreas de prostituição feminina na rua Conselheiro Mafra e Francisco Tolentino (ver mapa anexo). Gozam de espaço físico e temporal permanente, concentrando-se pelo período da noite. Essas ruas possuem bares, dormitórios e pensões exclusivamente de atividades prostituídas. Convivem, durante o dia, com o movimento comercial e residencial que existe nessa área. Prostitutas, durante o intenso movimento do dia, andam pelas calçadas, param em esquinas e circulam pelos bares e dormitórios. Também costumam vagar pela Praça XV e arredores à luz do dia. Reúnem-se em torno do coreto da praça. Durante a noite esse espaço da praça é reservado aos travestis e michês. Em várias voltas pelo centro da cidade pode-se verificar maior

⁶⁴ Erdmann, 1981, p. 43.

exposição de michês nas imediações da avenida Hercílio Luz com as esquinas da rua Marechal Tiradentes e João Pinto (ver mapa anexo). A prostituição feminina de menores também tem adquirido certa expressão nos arredores da praça. (Diário Catarinense, 25/05/94).

A praça e seus arredores constitui um mosaico de

... camelôs, prostitutas, velhos aposentados, políticos, solitários anônimos, ilustres desconhecidos, turistas, engraxates, tipos folclóricos, vendedores ambulantes, colegiais, transeuntes (...) Das perambulações a procura de consumo, sexo, paquera, prazer, diversão, conversas, furtos, vícios etc. (...) abriga grupos sociais que lhe dão identidade própria. Que, em última instância é a identidade da cidade.⁶⁵

Ao mesmo tempo em que muitas coisas são percebidas nesse cenário, outras passam despercebidas aos olhos de qualquer observador.

À medida que se distancia desse perímetro central, a “Região Moral” vai se dissipando pelos subúrbios formando algumas concentrações locais em “bocas” de drogas e prostíbulos em diferentes bairros. Nesses locais, em alguns pontos, a “pegação” fica por conta dos travestis, já que prostitutas são fixas em locais fechados devido à pouca proteção que esses bairros oferecem. Nessas áreas, a presença policial é menos ostensiva. Quando fazem o “trottoir”, ocupam áreas onde a concentração de pessoas e prostitutas é maior. Costumam levar o cliente para o dormitório onde seu cafetão permanece; no caso de haver encrencas com o cliente, inicia-se uma intervenção de proteção.

Gueto “Gay”:

Uma das coisas notórias durante a pesquisa foi a inexistência de gueto travesti em Florianópolis.

Nestor Perlongher (1987) cita alguns autores para denominar “gay ghetto” a populações unidas pelas preferências e cerimônias eróticas. Segundo este autor, o termo “ghetto” foi cunhado pela Escola de Chicago para ser aplicado a vizinhanças habitadas por judeus, poloneses, negros e italianos. Cita Levine, que parte dessa abordagem para adaptar o termo aos bairros de predomínio homossexual de Boston, Nova York, Chicago, São Francisco e Los Angeles. Os requisitos necessários à caracterização do “ghetto” no sentido clássico envolve itens como concentração institucional, área de cultura, isolamento social e

⁶⁵ Coradine, 1992, p.14.

concentração residencial: a concentração institucional envolve áreas que possuem lojas, saunas, bares, boates etc. institucionalmente gays que sejam razoavelmente circunscritas; a área de cultura são os traços de linguagem, gíria, moda, comportamento etc. que aparecem dentro desta área e é definida por uma alta concentração de gays; o isolamento social se dá pelo preconceito. A relação com heterossexuais se restringe ao trabalho e família, as relações sociais são predominantemente mantidas com homossexuais; por último, a concentração residencial é definida pela preferência de moradia nas áreas de “cultura gay” pelos homossexuais. A concentração gay em todas essas áreas é tão extensa que quadras e prédios inteiros são habitados exclusivamente por gays, muitos dos quais proprietários dos prédios onde moram.

Ainda, segundo Perlongher, em São Paulo, levando em consideração os itens de Levine, o chamado “gay ghetto” não se evidencia de forma tão intensa quanto nos Estados Unidos, onde o fenômeno foi originariamente estudado. Naquela cidade a concentração institucional ocorre em locais de lazer: bares, boates e pontos de “pegação”. Praticamente se exclui concentração residencial. Com relação ao isolamento social, a tolerância dessas áreas não se limita ao homossexualismo. Esses agrupamentos também correspondem à clássica definição de “Região Moral”, na medida em que a tendência à dispersão ocorre conforme o aparecimento dos focos de vida noturna. A “Região Moral” torna-se a resposta historicamente concebida à marginalização dos homossexuais. Região que se torna local de realização dos desejos reprimidos pela moral dominante.

Nas “bocas” paulistanas os territórios são antes pontos de fluxo e ambulação do que locais de residência fixa, onde homossexuais coexistiriam com outros tipos de marginais. As residências de homossexuais nestas áreas costumam ter a marca da fugacidade: hotéis, pensões, pequenos apartamentos alugados etc.⁶⁶ O gueto se tece acompanhando os movimentos reais das relações que lhe dão significado.⁶⁷

Para se pensar o “gueto” em Florianópolis, com particularidades geográficas, de flutuação e de determinante cronológica, é necessário também levar em consideração as proporções menores em relação a um grande centro, como o próprio Perlongher fez com o fenômeno em São Paulo com relação ao estudo de Levine sobre as grandes cidades norte-americanas.

⁶⁶ Perlongher, 1987.

⁶⁷ A análise de Levine, segundo Perlongher (op. cit.), parte de perspectivas espaciais chegando a conclusões de comunidade, onde a identidade homossexual não é questionada.

Na Ilha, o público homossexual não travestido concentra-se na região mais central quando a fim de lazer e “caça”; segundo alguns depoimentos de travestis sobre clientes, homossexuais masculinos também se dispersam pelos pontos de prostituição de travestis localizados em regiões periféricas. Existe um certo rodízio por bares e boates, ou numa mesma noite, ou em diferentes épocas, pois em Florianópolis estes estabelecimentos funcionam com ciclo muito curto de duração. Há alguns anos a cidade possuía uma boate gay. Quando esta fechou, seu público começou a freqüentar bares que, não sendo originalmente destinados ao público homossexual, terminam, pela assiduidade deste público, adquirindo *status* de “bar de veado”. Recentemente, uma outra boate nos arredores da Praça XV veio consolidar seu público homossexual desde que foi aberta. O mesmo não posso dizer de outra boate nos altos da rua Felipe Schimidt, freqüentada exclusivamente pelo público heterossexual que, aos poucos, foi também sendo freqüentada por gays, lésbicas, entendidos e alguns travestis (poucos). Essa última era freqüentada exclusivamente pela juventude florianopolitana da classe média alta. Como essa juventude não costuma “esquentar cadeira”, a boate teve seu movimento reduzido durante algum tempo e hoje mantém um movimento estável sustentado pelo público homossexual. O mesmo exemplo ocorreu com uma cervejaria na cidade que era freqüentada por um público heterossexual bem eclético; hoje o estabelecimento é freqüentado principalmente por “entendidos”. O homossexualismo feminino divide esses espaços na noite florianopolitana mas sua presença é em menor escala com relação aos homossexuais. Outrora, num bar, também nos arredores da praça XV, se concentravam em maior número. Essa transitoriedade, que parece uma constante, é possível não só por esse “abre e fecha” de estabelecimentos dirigidos ao público homossexual como também pelas dimensões da cidade e a forma como as pessoas circulam em diferentes espaços, dotando bares e boates de relativa rotatividade de públicos definidos por classe, faixa etária, renda e orientação sexual.⁶⁸ Os travestis não costumam partilhar esses espaços de forma concentrada, principalmente os bares. Os lugares onde podemos encontrá-los de forma mais concentrada são as boates destinadas ao público homossexual. Por “concentração” refiro-me a no

⁶⁸ A dinâmica de redistribuição de público por esses bares é característica da vida noturna florianopolitana. Esse fluxo de distribuição e mudança do tipo de público associa-se a idéia de cidade fragmentária, cujo perímetro urbano permite o trânsito por vários lugares numa mesma noite. Nesse contexto, muitos são os fatores que contribuem para essa rotatividade. Por exemplo, como a cidade é pequena, um simples boato entre algumas “rodas” que “tal bar é ótimo” pode levar em duas semanas o “beatiful people” ou o “crazy people” a lotar tal lugar. O boato, ou fato, de que nesse tal lugar existem pessoas interessantes por seus gostos e apetites sexuais, pode fazer com que aumente o fluxo do público homossexual. Essa transitoriedade envolve *n* fatores como faixa etária, estilo e atendimento do bar, gostos e preferências sexuais do público que freqüenta, circunscrição de bares, velocidade com que correm as notícias na cidade etc.

máximo cinco ou seis travestis por noite - que nem sempre partilham a mesma mesa ou mesmo canto da boate. Além do número de travestis em Florianópolis não ser tão grande assim, o número que frequenta uma boate gay é bastante reduzido mesmo em relação ao número de travestis na cidade.⁶⁹ Numa boate gay, nos arredores da Praça XV, no final de um concurso de transformismo, estimei a população no local em 120 pessoas no máximo. Desse total, as mulheres não passavam de 20 e os travestis de 15. Ainda pude detectar uns poucos jovens que mais faziam o tipo michê. A predominância é de homossexuais masculinos. Sob os jogos de luzes e o piscar estroboscópico balançam-se ao som de “dancing music”. A paquera e o namoro não poderiam deixar de fazer parte desse cenário. Dos transformistas que se apresentaram, dois possuíam pequenos seios; pela desenvoltura corporal feminina dos outros não saberia dizer se eram travestis. Dos travestis presentes na boate reconheci somente dois dos pontos de prostituição, um deles estava concorrendo na final do concurso. O que constatei nesta noite foi a não incidência de muitos travestis em um só local de lazer.

Prostituição e seus Códigos:

Atravessando-se a ponte que liga a ilha ao continente, em poucos minutos, chega-se ao Estreito. Um bairro onde se observa larga variedade de estabelecimentos comerciais que se estendem por outros bairros da região. É nessa área que se localizam alguns pontos de prostituição de travestis.

Ao cair da noite o movimento urbano se reduz ao tráfego de carros e a alguns transeuntes a caminho de paradas de ônibus, prédios e casas residenciais. Alguns bares-lanchonete permanecem abertos servindo doses quentes e cervejas para uma freguesia predominantemente masculina.⁷⁰ Os primeiros travestis já surgem sob as luzes dos postes da esquina da rua Santo Saraiva com a Fúlvio Aducci. Nesse local, também fazem ponto em uma paralela da rua Santo Saraiva, a rua Gaspar Dutra com a Heitor Blunm. É final de outono e, embora as noites comecem a ficar mais frias, elas exibem corpos roliços em roupas coladas ao corpo, expondo nádegas, coxas e seios proeminentes. Como acessórios, usam brincos, correntes, pulseiras e bolsa onde carregam material de pintura,

⁶⁹ À época da pesquisa, estimo que viviam na Grande Florianópolis aproximadamente 80 ou 90 travestis. Segundo a ADEH e o GAPA eles eram em torno de 150, mas ambas instituições consideravam razoável margem de erro nesse número.

⁷⁰ Lojas de tintas, brinquedos, papéis, ferragens, peças de automóveis, roupas, eletrodomésticos etc. fazem parte do cenário. Estabelecimentos bancários e algumas lojas de médio e grande porte também compõem esse pequeno recorte que faço da parte continental do município de Florianópolis.

preservativos, cigarros, algum dinheiro e outras coisas mais. Com calculado exagero, cultivam atitudes afeminadas como caminhar reboadamente de um lado ao outro da calçada, virar a cabeça para o lado balançando os cabelos ou segurar o cigarro com extrema delicadeza.

... os profissionais neste campo se dividem em ‘travestis’ e ‘michês’ que têm a aparência ‘ máscula’. Se os primeiros são travestis da figura mais ‘feminina’ das mulheres, os segundos são travestis da figura mais ‘ máscula’ dos homens.⁷¹

Mesmo assim, o travesti na verdade rompe cotidianamente com o imaginário imperante que o supõe impotente, passivo; diferente do michê que procura preservar sua imagem de homem másculo, identidade que lhe interessa preservar por motivos sociais e profissionais. A quebra de regra, do “macho” que “dá”, exposta publicamente, no caso do michê, conotaria uma ambigüidade pouco tolerável dentro de seu grupo e com clientes.⁷² Essa preocupação os travestis demonstravam não ter:

“Tem muito pai de família, empresário e político que dão uma de homem e aqui rebola pra gente”.

O tom é da experiência e mágoa de quem sofre todo o preconceito social e percebe que seus clientes e parceiros da homossexualidade são poupados. Mas a afirmação de tê-lo “comido” é feita sem receio de ver sua imagem “mulheríssima”⁷³ deteriorada.

“Tem noite que eu dou gostoso” - afirma um dos travestis.

A prostituição, como qualquer outra relação, é instância de socialização. Foram muitos os relatos sobre programas que propiciaram outros encontros que transcendem a relação de prostituição:

“Ontem depois que tu fosses embora lá da Ivo eu conheci um coroa tão legal! Me levou no apartamento dele, de cobertura, lá na Beira Mar. Depois daquele dia eu fui mais duas vezes no apartamento pra fazer uma faxina e passar roupa. Só que eu não quero me envolver por que ele é muito pegajoso” — comenta Doca em meio a sua tristeza de ter rompido com o “marido” há pouco tempo.

Referem-se muitas vezes a envolvimento que transcendem a proximidade meramente sexual, física. O “clima” que evocam em seus relatos sugere empatia, simpatia

⁷¹ Fry, 1991, p. 45.

⁷² Erdmann, 1981 e Perlongher, 1987.

⁷³ Termo usado algumas vezes pelo travesti para se definir quando indagado sobre sua condição.

ou antipatia. Enfim, parecem carregados de um teor emotivo, sentimental. Alguns travestis me relataram que certos “programas” viram algo parecido com um divã de consultório de psicanálise:

“Tem cliente que conversa bastante e faz bem pra gente”.

Em observações bem próximas da “pegação” e do acerto do programa pude visualizar carros e a aparência do cliente no interior dos veículos: na maioria carros novos com placas da região e de outros Estados. Em épocas de temporada de verão os carros com placas de fora aumentam à procura de travestis. Comumente aparentam encontrarem-se na faixa dos trinta a quarenta e poucos anos; os mais velhos são mais raros

O acerto do preço às vezes é direto, outras vezes percorre uma negociação mais demorada: muitos clientes costumam jogar o preço depois de uma boa olhada no travesti. Várias vezes retornavam à esquina depois de atender um cliente dizendo que não acertaram no preço. O uso de preservativos geralmente é valorizado em todas as práticas sexuais: sexo oral e anal.

A “pegação” estabelece um jogo de deslocamento, pequenos gestos e alusões que implicam poder, libido e sexualidade. Essas articulações espontâneas ou propositais envolvem signos codificados.⁷⁴ Certa vez, enquanto eu e Wanda conversávamos, Carol andava de um lado para o outro na calçada. Carros buznavam, motoristas e caronas soltavam piadas. Para os que paravam bem na sinaleira da esquina onde estávamos ela fazia uma pose e fitava-os bem nos olhos sem muita insistência. Na maioria das vezes a insistência era dos motoristas. Algumas vezes ela simplesmente olhava e desviava o olhar em seguida, os motoristas dos veículos continuavam a olhar até que ela olhasse novamente.

Quanto aos carros que paravam, Carol parecia saber exatamente quando eram para ela, quais iriam acabar em um programa e quais buscavam somente informações sobre outros pontos, boates, hotéis etc. Quando os carros desaceleravam próximo de onde estávamos ela antecipava: *“É só informação”, “é cliente”, “ele vai voltar”, “vai dar a volta no quarteirão e parar longe daqui”* etc. Na maioria das vezes acertava, fossem veículos com placa da cidade ou de fora. A familiaridade com esses códigos não era uma peculiaridade de Carol. A maioria dos travestis com mais experiência nos “pontos” não se perde nessa linguagem.

⁷⁴ Perlongher, *ibidem*.

Existe um sistema de códigos que obedece a uma “lógica” e não exige um conhecimento prévio do cliente e seu veículo. São essas articulações espontâneas ou propositas de pequenos gestos que fazem o jogo de poder e sugerem libido, expressos em signos codificados. O conhecimento dessa “lógica” decodifica toda uma forma de comportamento e permite dar significado a uma relação que pode passar despercebida para os estranhos a esse universo.⁷⁵

Com relação à demarcação das áreas de prostituição dos travestis existe uma distribuição de pontos que obedece a alguns critérios. O travesti que costuma freqüentar um ponto dificilmente sairá deste para “batalhar” em outro. A circulação em outros pontos muitas vezes ocorre como passeios e visitas a colegas de “batalha”. Se esse passeio caracterizar “pegação” é considerado quebra de regra e as manifestações de intolerância começam a surgir; já presenciei discussões e reclamações nesse sentido, mas nunca violência física. A disputa por territórios não é um fator tão acirrado nessas regiões conurbadas devido a relativa distância de um ponto ao outro. Em um grande centro, onde a “Região Moral” é mais caracterizada e concentrada, esta disputa acentua-se.⁷⁶ Algumas vezes discussões ocorrem (em bom tom) pela disputa de clientes por travestis de um mesmo “ponto”. Caren me revelou numa ocasião não gostar da permanência de outros travestis no ponto. Segundo ela, muitas vezes o cliente pára distante do local onde está, e quando vai ter com ele, outra - mais próxima de onde o cliente parou - vai antecipadamente atendê-lo. Não foram poucas as reclamações que ouvi sobre “*o cliente era para mim e a outra foi na frente*”; mas, também não foram poucos os incentivos que ouvi, “*vai você, vai você!*”, como um repasse de algo que não se esgota: a cada momento tem um novo.

A procura, se não supera, quase ultrapassa a oferta. Talvez seja esse um dos motivos de as disputas por pontos e clientes não serem tão acirradas.

Durante o verão o número de clientes aumenta desproporcionalmente em relação ao número de travestis nas ruas. Nessa época de poucas roupas, o erotismo é muito mais evidente com mini-shorts, mini-saias, bustiês etc.; quando não, lingerie fazem o visual das mais ousadas. Algumas vezes levantam a mini-saia ou abrem o short para mostrarem a nova calcinha aos outros travestis no ponto numa conversa sobre compra de roupas.

⁷⁵Com relação a isso Erdmann relata sobre um informante seu muito viajado: “*Como tinha também formação teatral e trabalhara vários anos nesse meio artístico, valia-se extremamente de uma linguagem gestual e como me disse, os gestos, os olhares, as expressões de paquera, demonstrações de interesse e convites sexuais são os mesmos de Londres, Paris, Atenas ou Florianópolis.*” (Erdmann, 1981, p. 41)

⁷⁶Perlongher, *ibidem*.

Também não é raro levantarem blusas e bustiês para mostrarem, entre elas, sutiãs meia-taça e os seios.

Existem pontos onde trajar roupas que exponham demais seios e nádegas não é muito conveniente, principalmente em áreas residenciais. O cuidado é tomado pelos próprios travestis para evitar que os moradores se incomodem e chamem a polícia. Uma vez, na presença do presidente da ADEH, que costumava passar pelos “pontos” distribuindo preservativos e passando os informes da última reunião da Associação de Homossexuais, travou-se uma discussão sobre um travesti que estava desrespeitando os territórios e trajava-se “indecentemente”, mostrando seios e nádegas. Segundo o presidente da Associação existem pontos onde isso não pode acontecer, principalmente em áreas residenciais e vias públicas de muito acesso de pedestres. Ele as orientava no sentido de sempre portarem documentos para evitar contratempos com a polícia.⁷⁷

Numa noite, sentado ao lado de Carla, Shirley, Mirian e uma prostituta (mulher) - fato único, a presença desta, em todas minhas idas ao campo -, um cliente parou próximo ao local onde estávamos e Mirian foi atendê-lo. Retornou avisando que o cliente queria fazer um programa com a prostituta mulher; ela, por sua vez, resmungava relutante:

”Ele me viu aqui, por que ele não vem?”

Mirian protesta:

“É cliente novo e precisava ser bem atendido”.

As duas ficaram discutindo durante algum tempo e calaram-se. Nesse meio tempo o cliente foi embora.

Numa outra oportunidade no “ponto” conversando com dois travestis - um deles havia começado na “batalha” naquela noite - um “cliente” a pé entra em uma rua próxima que dá para um balneário sujo e escuro; antes de entrar na rua ele para e nos olha. Júlia, que falava comigo, interrompeu a conversa para comunicar-se com a outra:

“Vai lá ver o que o bofe quer”.

A “novata” não entendeu muito bem e perguntou se ele havia chamado.

Júlia lhe devolve outra pergunta:

“E precisa?!”.

⁷⁷ Acredito que os motivos desse “senso” de decência não sejam somente a relação polícia/cliente. A maioria dos travestis tem bem claro em seu dia a dia que nem todas as calçadas são para o “trottoir”. Muitas dão para a farmácia, banco, escola, armazéns, açougues etc. A principal preocupação hoje do travesti na Ilha é de não escandalizar. A preocupação demonstrada por esses personagens, numa esquina de prostituição, com os limites do decoro, da decência e dos bons costumes ilustra e exemplifica a dinâmica particular de suas relações com a sociedade local e sobrepõem à condição já ambígua novas camadas e camadas de ambigüidade.

Em seguida olhei para trás e pude ver o sujeito entrando na rua que dá para o balneário; quando voltei os olhos para elas só avistei a “novata”. Júlia já estava com ele.

A prostituição por esses atores é levada a sério, como uma relação de trabalho e o cliente deve ser muito bem e prontamente atendido desde que cumpra sua parte.

Eram 22:30 de uma terça feira quando cheguei no ponto da Ivo Silveira próximo ao cemitério. Não conhecia todos os travestis desta área. Dos quatro que ali faziam ponto, Suzana foi a mais receptiva. Havia subido a “Ivo” para confirmar algumas informações sobre “pontos”. Se algo havia mudado, ou algum outro ponto surgido por aquela área (Av. Ivo Silveira em continuação com a Presidente Kennedy). Parece que nada havia mudado. Lembro-me de uma frase de Kelly - um travesti que batalha na Rua Heitor Blunn - quando lhe perguntei se algo havia mudado desde que saí do campo na época de minha primeira pesquisa sobre o tema há alguns anos:

“Nada mudou. Continua a mesma merda!”

CAP. 5: FAMÍLIA

A noite era de verão e chuviscava. Solange - em roupas mínimas - bebericava Menta com Vodka num copo descartável; escondia o copo num canto do muro, próximo onde estava, com aquela preocupação de não causar má impressão por beber no trabalho. Faltava gelo à bebida, mas estava gostosa; pude sorver alguns goles. Disse estar com fome e despede-se alegando que iria trocar de roupa para ir ao *drive-in* fazer um lanche. Se fosse daquele modo correria o risco de não ser servida. Nesse meio tempo, pela mesma rua escura em que imerge Solange, emerge Suzana, ou Doca para os amigos mais íntimos e os da família. Magra e esguia, trajava saia, mini blusa, sandália meio salto, bolsa e uma echarpe estampada. Conversamos durante algum tempo sobre preço de programas, locais onde a prostituição acontecia e família, entre outras coisas. Afirmava ainda estar muito magoada com a perda de seu “marido”:

“Cara, foi coisa feita. Nós nos dávamos tão bem, mas no final começamos a brigar. A bicha que tava com ele tinha “fechado” o meu corpo e eu não sabia. Ela recebia a mesma “pomba” que eu (...) Ele já tava há quatro meses com ela e eu não sabia (...) Foram pra São Paulo (...) Mas a mesma “pomba” que tirou ele de mim vai fazer ele voltar. E eu quero ele de joelhos na minha porta. Vou fazer ele sofrer como eu sofri.”

Doca me convida a descer um pouco mais a rua escura para que possamos avistar sua casa; me fez prometer uma visita. Assim que começamos a descer a rua, a chuva havia aumentado. Ela prontamente abre sua echarpe e estende por sobre nós segurando-a com a mão esquerda em seu ombro esquerdo e com o braço envolto sobre mim firmava a outra ponta sobre meu ombro direito. Sob a chuva, ainda segurando a ponta da echarpe, apontava com a mão esquerda para sua casa e para rua que era possível chegar até lá. Do alto, ao lado do cemitério, podíamos avistar quase tudo. Apontou ainda para a rua ao lado da sua para me indicar o bar de sua mãe. A chuva havia aumentado ainda mais e nos abrigamos numa cobertura da casa mortuária do cemitério, bem na entrada do mesmo. Ali, ela discorre sobre sua família. Era clara a forte influência da umbanda e da família em sua vida. Seu irmão era o babalaô mais forte e influente na região. Com ela e com sua família não tinha “babado” e nem “bafão”. Todos respeitavam. Só não se dava com um irmão e com o padrasto. Morava numa edícula atrás da casa da irmã. Insistiu muito que fosse visitá-la. Disse-lhe que sábado pela manhã iria tomar uma cerveja no bar de sua mãe e lá combinaríamos alguma coisa. Nos despedimos. Deixei-a na esquina da rua do cemitério com a Ivo Silveira. Descendo a rua ainda podia ouvi-la falar com outro travesti:

“Pôxa! Cara legal esse Marcelo. Gostei mesmo!”

Me senti pouco à vontade, mesmo consciente de que havia exposto o interesse em “saber de coisas para esta dissertação”. Houve uma demonstração de afeto tão sincera de sua parte, uma porta tão escancarada de sua intimidade, de sua casa, de sua família que minha “cordialidade interesseira” me deixou muito mal naquela noite. Eu sabia que iria visitá-la, saber um pouco sobre sua casa e família, retornaria uma ou duas vezes, iria embora e não mais voltaria, pois outros interesses me levariam para longe daquilo tudo. Houve momentos na pesquisa que me sentia constrangido com relação a esse aspecto. Simplesmente vamos embora e retornamos “interesseiramente” a fim de novos dados. Entro na intimidade de uma família, flagro seu choro, seu riso, seu desabafo, agradeço e vou embora.

Eram 10:45 da manhã de sábado e o sol esquentava os miolos. Fui até a casa mortuária. Sob a cobertura pude visualizar com mais exatidão o local que Doca me havia apontado na noite de segunda. Desci o morro, atravessei a Via Expressa e me dirigi a sua casa. Dei uma sondada no quarteirão: o local mesclava casebres com algumas residências de alvenaria com dois pavimentos. Na entrada do beco onde morava perguntei a uma moça, que espalhava areia com uma enxada, se conhecia Doca. Prontamente indicou-me a entrada no beco que daria em sua casa. Segui em frente, mesmo receoso de entrar em algum território proibido.⁷⁸ Para chegar até a casa entrei numa passagem que dava somente para uma pessoa por vez. Bati palmas a fim de ser ouvido. Depois de alguns momentos aparece um jovem negro que me indica uma porta no fundo de um espaço parecido com uma garagem, ao lado da casa. Em volta, paredes de madeira velha e de tijolo salpicado de outras casas formavam um corredor em desalinho. Fui até o fundo do espaço limitado pelas paredes da casa de sua irmã e do vizinho. Bati na porta. Depois de alguns momentos, a mesma se abre e aparece Doca de mini “short”, camiseta regata amarrotada e os cabelos longos despenteados. Imaginara que iria acordá-lo; as noites costumam ser longas para o pessoal da “batalha”.

“Olha o Marcelo! Eu não acredito que ele veio. Que vergonha...”- exclama doca entre a sonolência e espanto.

Pedi desculpas por acordá-la.

Convida-me para entrar.

⁷⁸ Naquela região da Expressa é comum “boca” de drogas. Depois que se entra só se sai se comprar alguma quantidade do produto à venda. Eu tinha somente seis reais no bolso da bermuda.

Dou com um ambiente aconchegante e confortável. Uma edícula de três peças (sala, cozinha e suíte), razoavelmente espaçosa e confortavelmente mobiliada, o que incluía desde peças decorativas até televisão e vídeo-cassete com controle remoto. O piso era de taco encerado. Disse-me possuir tudo aquilo graças ao marido que a abandonou:

“Ele era trabalhador e caprichoso”.

Sentei-me à mesa da cozinha a observá-la passar um pano úmido no piso. Logo depois arrumou-se e sentou a minha frente. Trouxe-me um álbum onde pude ver várias fotografias dele com a mãe, com o marido, “rodando” no “terreiro”, com sua sogra e cunhado - quando vieram de São Paulo passar uns dias em sua casa -, sua irmã em frente a uma casa de danças e muitas outras de Doca com seu “marido” num lugar que ela dizia ser interior de São Paulo, terra natal de seu consorte. Em todas as fotografias estava travestido (saias curtas, saltos altos, pintura etc.), exceto naquelas tiradas no “terreiro” e em São Paulo. Depois do álbum é a vez do diário onde guardava à chave poesias e frases (todas datadas) sobre sua separação.

“Trouxe pra tu ver. Imagina! Eu não tenho essas besteiras. Tô confiando em ti”.

Enquanto folheava, contava os casos do romance, contido em sentimentos dolorosos. Relatou que ali estavam registrados todos os momentos de brigas e a ruptura final. Percorri o diário. Havia somente datas que se referiam a momentos de afeto e alguns pensamentos: dia que o conheceu, aniversário, primeira “transa” do casal, brigas e separação. As datas eram intermediadas por curtas mensagens. Algumas frases melancólicas, outras efusivas.

Enquanto conversávamos serviu um café e fez seu desjejum. Em seguida preparou uma “guia” com miçangas que seria usada naquela noite no “terreiro” de seu irmão. Ali, sentado à mesa, conheci sua irmã e um sobrinho de 17 anos que, segunda ela, também “rodava” nos trabalhos espíritas. Assim que terminara a “guia” colocou-a em um alguidar com água mineral. Disse-me que deveria descansar ali por duas horas para “descarregá-la”.

Algumas horas depois saímos dali. Descemos a rua e fomos ao bar de sua mãe; pessoa por quem ela demonstrava nítida admiração. Era um lugar pequeno onde se serviam bebidas, sucos e quitutes. Apresenta-me à senhora, que me cumprimenta cordialmente e se desculpa por não apertar minha mão, pois as suas estavam lambuzadas com os ingredientes dos salgadinhos que preparava para uma festa. Não me demorei. Despedimo-nos e Doca me acompanhou até um trecho do caminho de volta. Iria até a casa do irmão para saber quando começaria o trabalho no “centro”. Despede-se como se tivesse lido meus pensamentos da noite em que o conheci:

“Espero que tu venhas me visitar mais vezes. Nós vamos ser muito amigos ainda”.

Pensei em lhe dar um presente na próxima visita: um vaso de flores, talvez.⁷⁹

Embora Doca se referisse a alguns desentendimentos com seu padraсто, irmãos e irmã, sob essa superfície agitada havia um elo que o ligava à família: sua mãe.

“Pessoa fora de série, mas é bafão. Esses dias um coroa amigo meu disse brincando que ia me bater pra eu tomar jeito e ela respondeu que ‘não nasceu ainda homem pra bater em rosto de filho que ela cansou de beijar’ (...) Esses dias teve um babado com uma bicha que queria me passar um facão. Fui de foice até ela com dois irmãos meus. Acertei a bicha nas costas, ela caiu e meus irmãos encheram ela de porrada. Ela? Por aqui, ó!” - contava gesticulando.

Mais que gestos ou palavras, o álbum de fotografias pareceu-me mais eloquente nesse pouco tempo que nos conhecemos. Eram em torno de 40 fotografias que envolviam um período de tempo relativamente longo: momentos de confraternização com a família (mãe, irmão “babalaô”, irmã, sobrinhos, tio, tia, “marido” e amigos); fotografia dela com a mãe e irmã de seu marido em sua casa e em São Paulo na residência da “sogra”.

A relação de Doca com a mãe e família remete aos laços familiares de Clô.⁸⁰ A casa onde dona Cecília morava com seu filho, Clô, a filha e um neto é de madeira crua. Ficava no bairro Capoeiras. Em rua haviam casas de dois pavimentos, com garagem para dois carros, prédios de apartamentos e casas mais simples como a de dona Cecília. Ciça, como alguns a chamam carinhosamente, dividia sua morada com o marido de sua filha, um travesti que costuma visitá-la para ali permanecer durante alguns dias e uma moça visivelmente debilitada pela aids, que se separara da família em função da doença. Ciça aparenta uns sessenta anos e parece trazer no rosto o sofrimento de longos anos. É mãe de dez filhos.

Clô foi criado até os sete anos em uma instituição de menores, quando completara um mês sua mãe estava sendo abandonada pelo marido. Sozinha, *“trabalhava e ainda ia tirar berbigão pra dar comida pros filhos”*.

O sofrimento passado não abafou um discurso combativo e eloquente. Como um jovem, pontua sua fala com a gíria “cara”. Foi na sua frente que um travesti nos contou como iniciara o filho dela no travestismo. Enquanto conversávamos fomos interrompidos para Ciça atender outro travesti que viera pegar três caixas de preservativos. Segundo ela,

⁷⁹ Doca faleceu alguns meses após última entrevista com ele, vítima de uma forte pneumonia.

⁸⁰ Conheci Clô e Dona Cecília três anos antes de conhecer Doca e sua família.

são muitos os travestis que aparecem em busca de “camisinhas”. Costumam dar algum dinheiro para ajudar Clô no hospital:

“... eles é que ajudam”.

Indaguei sobre a venda da casa. Sua filha e Clô tinham me dito que ela pensava em vendê-la, pois os vizinhos estariam se sentindo ameaçados pelo filho soropositivo. Garantiu-me que enquanto o filho apenas se travestia, não tivera problemas. Estes chegaram quando os vizinhos ficaram sabendo de sua deficiência imunológica:

“A gurizada fica falando pro meu neto sobre o tio e acham que o menino é doente também (...) minha filha queria ir embora e eu falei pra ela: ‘quer ir embora vai, mas deixa o meu neto. Quem criou ele foi eu e o Cláudio (Clô), praticamente’”.

Sua filha interpela:

“Um dia desses foi atropelado e a vizinha juntou ele e levou pro hospital. Outras vizinhas perguntaram pra ela como ela tinha coragem de juntar ele se o tio é aidético. Pô! Não tem nada a ver”.

Conversando sobre o fato de seu filho ser soropositivo, Cecília se mostra sem mágoa ou rancor:

“A vida é assim mesmo. Eu sei que a qualquer hora ele pode morrer; mas eu luto pela melhora dele”.

Retornei a sua casa algumas vezes e a vi certa tarde muito triste com a situação do filho hospitalizado. Dias mais tarde Clô faleceu.

Noutra vez que encontrei Cecília ela estava com a filha e o neto em um ponto de ônibus. Havia trocado sua casa por outra em um bairro mais periférico no continente e, na transação do imóvel, levou também um telefone. Provavelmente, o telefone pagou parte da diferença do valor que seu imóvel anterior possuía. Pediu-me que a visitasse e deixou o número do telefone.

O exemplo desta família de origem mais pobre e que habita um bairro de classe média e média alta demonstra os processos internos de diferenciação como classe, grupo de status, pertencimento a minorias, grupos desviantes etc. e permite o mapeamento da diversidade, como aponta Velho: “O confronto é uma possibilidade dentro do complexo jogo de negociação da realidade, e sempre é difícil prever ou antecipar em que domínios ele poderá ocorrer.”⁸¹ A repulsa dos vizinhos com relação a uma imagem degenerada de Clô e sua família de forma generalizada é visível a partir do momento em que se torna

⁸¹ Velho, 1986, p.51.

público que ele é portador do vírus da imunodeficiência — fato que fez questão de deixar claro quando de sua matrícula num colégio público. Até então os vizinhos convivem com sua homossexualidade travestida sem muitos confrontos:

“O preconceito na minha rua é mais pelo vírus. Faz cinco anos que tenho o vírus e foi aí que começou toda a discriminação” – relata Clô numa das visitas que lhe fiz no hospital.

A mãe de Clô, não mais suportando o preconceito expressado em forma de “gelo social” — quando os vizinhos evitam dirigir a palavra e a presença, e com os comentários que surgem sobre o socorro ao neto acidentado — resolve vender a casa e mudar-se na busca de mias tranqüilidade.

A família compartilha o estigma e serve de suporte no convívio com o vírus e suas seqüelas sociais. Em uma de minhas conversas com Cecília, ela reclama:

“O Cláudio já ajudou tanta gente como presidente da ADEH: já foi com advogado tirar travesti da cadeia, tava envolvido na campanha de uma candidata na política e hoje ninguém o visita ou procura por ele.”

Meses mais tarde conversei com Cecília por telefone, ela estava no gabinete de um vereador do PT, o mesmo que mencionei num capítulo anterior, pedindo auxílio: sua atual casa estava com duas peças condenadas. Pude perceber que estava muito magoada com o mau negócio da casa. A família de Cecília sempre passou por dificuldades financeiras. Clô era o que mais contribuía com a renda da família. Após sua morte as coisas pioraram. Cecília atualmente trabalha numa firma como faxineira.

Nessas andanças em bairros à procura de travestis e suas moradas fui parar num típico bairro de subúrbio: Bairro de Fátima. Somente casas de moradia, algumas vendas e armazéns. Darling havia me dito que era só descer no ponto final do ônibus e perguntar por ela que logo acharia. Após perguntar para algumas pessoas, encontrei um casal que o conhecia. No trajeto fui sutilmente fazendo perguntas:

“Eu conheço a família toda. Não são pessoas de fazer briga com ninguém. Se você perguntasse pelo Vilson eu também saberia dizer onde é”.

Trocamos mais algumas palavras até chegarmos próximo ao local; a moça somente fumava e nada dizia.

Entrei em uma viela escura onde a terceira casa era de Darling. Como na maioria das vielas de subúrbio as casas são bem próximas umas das outras e não sobra muito espaço para quintal. O Vilson (Darling) me olhou pela persiana da janela e logo veio me

atender. Enquanto conversávamos no interior da casa, a cunhada de Darling, por de trás de uma parede de madeira que separa os cômodos, cozinhas e ria espontaneamente de nossa conversa. Algumas vezes Darling ainda brincava com ela; pude ouvir a voz de um de seus irmãos também fazendo um comentário sobre o que dizíamos. O tom era claro e não falávamos baixo. conversávamos sobre sexo, amores, desejos, aspirações e clientes. O seu “caso”, uma lésbica que dividia a cama com Darling - caso que mencionei no capítulo “fazendo gênero” -, permaneceu na frente da televisão e não nos dirigiu uma palavra; somente esboçava um sorriso algumas vezes e levava a mão à frente da boca. Imaginei que não possuísse dentes. Quando fui embora minha anfitriã me levou até a rua e conversou com alguns vizinhos: um casal de namorados que estava num portão e outras duas pessoas que passavam.

Doca, Clô e Darling não foram os únicos que pude perceber essa ênfase na família. Outros, em várias conversas, não poupavam referências à mãe, irmãs, pai e padrastos. Mesmo quando a referência era feita com ressentimento. Mágoa, acredito, por que tudo podia estar muito bem. Os que não moravam com família por dificuldade de sustentar o papel no local — geralmente outras cidades do Estado — eram os que mais costumavam falar da família com uma certa tristeza:

“Falta algo dentro de mim. Estou me sentindo só, não sei se é minha família que me separei. Falta algo dentro de mim” - confessa Vânia.

Segundo ela, sua relação familiar sempre foi boa até o namorado de sua irmã perseguiu-a. A partir daí brigas e discussões se travaram e resolveu vir embora para Florianópolis. Nunca havia se travestido em Chapecó. No começo trabalhou em um salão de beleza e com algumas faxinas, depois que se travestiu não teve emprego fixo e nunca mais deixou de prostituir-se. Na época ostentava o sonho de conseguir dinheiro suficiente para montar um salão e sair das ruas. Fazem três anos e ainda a vejo na “batalha”.

Jussara costuma periodicamente fazer visitas à família em Blumenau, mas não costuma ir travestida. Diz ir meio unissex. Afirma ser bem recebida, principalmente pela mãe. Veio “batalhar” na Ilha, longe de sua cidade, para a família não descobrir. Seus parentes pensam que trabalha em um salão de beleza em Florianópolis.

Fanny tem 22 e se traveste há quase seis anos. Conta com o apoio da família mesmo tendo sido um impacto no início. Seus pais são separados e diz ter um bom

relacionamento com o pai e padrasto. Antes de “noivar” costumava sair com a irmã para ir a bailes, boates e bares; não gosta de sair com outros travestis que se “depravam” nem com colegas gays do mesmo tipo “depravado”:

“Eu não me sinto um travesti, a pessoa se deprava muito porque não tem o apoio da família. Minha família já sabia que eu era homossexual desde pequeno (...).”

Uma das professoras de Fanny contou que o padrasto dela lhe dava muito apoio em suas decisões, principalmente sobre travestir-se. Fanny inclusive foi a própria a me dizer que sua mãe lhe comprava hormônios e tinha muita preocupação com os que ela tomava.

Segundo a diretora de um dos colégios mencionados no capítulo “Escola”, os cinco travestis que estavam matriculados no ano de 1992, todos moravam com a família e dois deles se prostituíam.

Dos travestis que procuram pelo GAPA, muitos deles costumam fazer referência à família, segundo uma voluntária e coordenadora da Instituição em Florianópolis:

“É nítida a forte ligação do travesti com sua mãe. Acho que é edipiano mesmo. Não é raro a família deles nos procurar também, seja para lidar com o preconceito pelo fato do filho ser um travesti ou para dar amparo a ele (...) Muitos contribuem até na renda familiar com dinheiro que ganham.”

A família na vida dos travestis é um forte elemento de identificação e referência. As histórias que se sucedem sobre a trajetória de vida desses personagens não poupam referências a pais, mães, irmãos e irmãs. Um vínculo de afeto, como também de desafeto, que liga e justifica durante discursos a trajetória e consistência da atitude de travestir-se vinte e quatro horas por dia.⁸²

Doca algumas vezes batia em seu peito e me dizia:

“Eu tenho família! A bicha tá muito mal enganada comigo” - referindo-se a uma contenda com outro travesti que o ameaçou.

O envolvimento familiar do travesti e o forte indício da estreita relação materna aponta para algo anterior à juventude e maturidade desses personagens; um pouco além do

⁸² Hélio Silva em seu trabalho “*Travesti: A invenção do Feminino*” (1993) aborda a questão sobre os “*Nós de família*”: “*Ousaria dizer que são poucos os lugares em que se fala tanto da família quanto na Lapa dos travestis. (...) Essa ambiência familiar é tão reconstituente para alguns que chegam a abrir mão de suas insígnias e, para não escandalizar os velhos, atenuam um tanto a representação feminina. Outros são plenamente aceitos e procuram suas famílias na inteireza de suas aparências.*” (p. 49-53)

que esta pesquisa propõe. Quem sabe, um estudo interdisciplinar (psicanálise/antropologia) mais detalhado de vários casos sobre infância, puberdade e trajetória de vida nos possibilite averiguar com mais cuidado a influência familiar e materna na decisão em travestir-se da forma como os sujeitos aqui apontados assumem sua identidade. O problema é o rumo que a questão possa tomar e as conjecturas que se criem em torno da origem do transvestitismo nos sujeitos.⁸³

Cabe salientar a estreita relação materna apontada por vários travestis entrevistados e como ela se prolonga na vida desses atores. Justificá-la “etiologicamente” na questão do transvestitismo no momento não é suficiente e ainda se corre o risco de distorcê-la. Enfatizo sim o que percebi em alguns relatos: o apoio e compreensão interpretados pelos travestis quando falam sobre a figura materna. Um vínculo de amparo e identificação enquanto indivíduo que possui família. Poderia aqui conjecturar, baseado em Stoller quando fala sobre transexualismo, que talvez a maior identificação com a mãe seja realmente pela ausência, mas não somente a do pai. Não só pela “ausência do conflito” edípico, mas pela presença de vários outros conflitos que surgem no decorrer dos anos. A figura materna — mais receptível e sensível à sexualidade assumida pelo filho — serve de referência a esses personagens.

A família, direta ou indiretamente, permite a referência do laço social original, contribuindo na superação do preconceito social sobre o homossexualismo travestido, dando o sentido de pertencimento a um universo doméstico real e simbólico (mesmo que criado pelo discurso da ficção), avalizando a argumentação de pertencimento ao universo público (real). Florianópolis, por suas dimensões e também característica de cidade pequena, pode endossar ainda mais essa referência da família. Cidade onde se pode ainda ouvir a pergunta “de quem que tu és filho(a)?”, a qual serve para localizar alguma pessoa no tempo e espaço social ilhéu. Espécie de referência vivida principalmente pelos nativos da região.

⁸³ Nem mesmo Stoller, com *n* casos estudados durante anos, arrisca uma posição fechada sobre o transexualismo. Suas conclusões se resumem aos casos estudados, evitando generalizações. Buscando compreender a origem da identidade de gênero, tendo como ponto de partida a psicanálise, Stoller elenca uma série de casos acompanhados: relatos de mães, pais, jovens afeminados e transexuais. Calcado na relação simbiótica entre mãe e filho nos primeiros anos de vida e no complexo de Édipo, conclui que um dos principais motivos da transexualidade masculina é o prolongamento da fase simbiótica e a “ausência do conflito” edípico (ou da total ausência do pai). O transexualismo seria a não superação da fase simbiótica em que a criança, ainda de colo, se identifica com a mãe e comporta-se permanentemente como menina. O transexual rejeita seu falo e inibi-se em excitá-lo. Não possui durante sua vida períodos alternados de masculinidade e feminilidade, são permanentemente femininos e são os clientes em potencial de operação para transformação do sexo biológico. (Stoller, 1982 e 1994)

CAP. 6: ESCOLA

Na procura de dados para a monografia anteriormente citada,⁸⁴ já pude perceber que o travesti no contexto sócio-cultural florianopolitano constrói sua identidade sem restringir-se aos grupos travestis. Inserido em outros trânsitos diários, além da prostituição - e vale lembrar, nem todos os travestis se prostituem - frequenta colégios públicos e dança em clubes de periferia (freqüentados predominantemente por um público heterossexual). Existem alguns que trabalham com carteira profissional assinada. Outros não possuem esse vínculo empregatício, mas executam serviços como faxinas e venda de artigos do vestuário. Todos possuíam um relacionamento estável com as pessoas do prédio onde moravam, do bairro e dos lugares que freqüentavam.

As situações de cumplicidade com o papel assumido pelo travesti foram observadas em colégios públicos, onde os alunos travestidos faziam educação física com as meninas e, num dos colégios, lhes era permitido freqüentar o banheiro feminino. Algumas professoras inclusive os chamavam pelo pseudônimo adotado.

Estamos ante um quadro inteiramente oposto àquele construído pela fantasia de Chana (*ou Shana*)⁸⁵ e seu sonho de tornar-se veterinária:

“*Com essa roupa, com essa cara*” - como a própria afirma, mesmo que seu letrado interlocutor diga que ... na faculdade já existe uma disposição menos preconceituosa e que, embora não negligenciasse as dificuldades que ela iria enfrentar, achava que terminaria por se impor e ser aceita.⁸⁶

Ela argumenta ainda mais:

“*E o segundo grau, e as turmas do segundo grau?*”.

Mesmo que a conversa tenha sido rápida e pouco objetiva, utilizo-a pelo que sugere sobre freqüentar a escola; inculcando o que lhe fora incorporado, ou incorporando o que lhe fora inculcado, expressa o que parece meio impossível e intolerável.

⁸⁴ Oliveira, 1994.

⁸⁵ S(C)hana é um dos travestis que Hélio Silva citou em sua etnografia, “*Travestis: a invenção do feminino*” (1993, p.38), quando tece comentários sobre aceitação e visibilidade.

⁸⁶ Silva, 1993, p.38.

Em 1994, tomei conhecimento de que travestis cursavam o segundo grau em dois colégios públicos no centro da cidade.⁸⁷ Indo até esses locais, me chamou atenção a receptividade da assistente social, de professoras e das diretoras de ambos os colégios. As conversas com educadores e alunos dos estabelecimentos, além do longo papo com travestis que freqüentavam suas salas de aulas, e que gentilmente me forneceram informações valiosas para esta dissertação, revelaram, se não um paraíso de oportunidades no plano político-social para esses personagens, pelo menos um meio onde é possível aspirar com mais otimismo um curso de terceiro grau, sem que o segundo grau seja o pesado fardo sugerido por Shana.

Revestida de detalhes, essa relação travesti-escola merece atenção desde que não se deturpe seu teor, nem se negligencie possíveis animosidades nas relações aí instauradas. Quando se verifica que “alguns rapazes” freqüentam uma escola pública de ensino médio, diariamente, vestidos de mulher, a salientarem arredondamentos no corpo, ocupando inclusive espaços destinados tradicionalmente às mulheres - como o banheiro feminino e as aulas de educação física femininas, ou são chamados pelos servidores públicos por seus pseudônimos femininos — é inegável que se revela um espaço relacional bem peculiar. Ambas as partes “cederam”, sobretudo quando a diretora passa a exigir um comprimento decente para as saias e shorts:⁸⁸

“O maior número ocorreu em 1992, mas eram discretos. Nunca foram discriminados e eram os melhores alunos da sala. Nesse mesmo ano apareceram uns mais deslumbrados. No início vinham com uns shorts curtos e saias, mas, a pedido, vieram com outras roupas, uns trajes no meio termo”.

De retorno, quase três anos depois de minha primeira visita aos mesmos colégios, fui até ao que Fanny freqüentou na busca de seu endereço e de novas impressões do pessoal que ali trabalhava. A Direção mudara e algumas pessoas não eram mais as mesmas nos cargos. Uma professora que havia conversado comigo na época tornara-se a diretora do colégio. A nova diretora de turno, eu não a conhecia. Os novos não haviam conhecido Fanny mas repetiam praticamente as mesmas impressões dos que a haviam conhecido.

⁸⁷ Elegi especificamente dois colégios como foco de atenção com relação à absorção dos travestis por parte das Instituições escolares porque dados coletados em entrevistas noutros momentos da pesquisa de campo me levaram a esses dois estabelecimentos de ensino. Foram contatadas 6 escolas públicas: 3 no centro da cidade e 3 em bairros de periferia; das seis, em duas localizadas no centro da cidade já haviam estudado travestis.

⁸⁸ A exigência de compostura, longe de significar restrição, implica talvez mais profundamente em aceitação, ao reconhecer uma “natureza” educável, uma “condição” que suscita regras de convivência.

Provavelmente tiveram conhecimento através de conversas e mesmo sobre avaliação, experiências com alunos ou coisas do ofício:

“Ele vinha de saia. Ele assumiu. Um pessoal interessantíssimo... na época tinha uns dois, três. Eles eram uma liderança para os alunos daqui” — relata um professor.

Nessa mesma conversa, um senhor, responsável pelos serviços gerais em marcenaria e carpintaria do colégio, afirmou algo interessante:

“Sabes que esse colégio aqui tem uma energia danada. Aqui é o colégio que mais focaliza”(centraliza) - referindo-se ao número de jovens homossexuais que passaram pelo colégio.

Em minhas entrevistas mais recentes, uma professora afirmou que Fanny não era assim:

“O Neto começou a se vestir depois de um tempo. Ele já era meio delicado (...) Ele era nosso aluno no primeiro grau. Depois é que resolveu assumir.”

Em outro colégio, também no centro da cidade, fui informado pela diretora que de 92 a 94 haviam passado por ali cinco travestis, os dois últimos haviam concluído o segundo grau em 1993. Um não concluiu devido a problemas de saúde agravados pela AIDS e outros dois haviam desistido.

Segundo a diretora os travestis eram também muito bem relacionados com as meninas. O problema maior que havia ocorrido foram umas fotos de nu de um dos travestis que circulou entre os rapazes, mas, segundo a mesma, o problema havia sido resolvido sem punição para qualquer jovem. Sobre o uso do banheiro feminino pelos travestis, houve intervenção por parte da direção somente porque algumas meninas reclamaram. Conversando com a coordenadora de turno desse último colégio mencionado, a opinião e postura parece ser a mesma tanto para os travestis que ali haviam se matriculado quanto para os que, por ventura, viessem a se matricular. A mesma, inclusive, não hesitou em mostrar o álbum de fotos da gincana anual da escola, onde também apareciam travestis nos números de apresentação com maior destaque. Na época em que fiz as primeiras entrevista (1994) a diretora do colégio já me havia falado sobre o álbum.

Clô havia informado que de maneira alguma a diretora do colégio o olhou com indiferença quando solicitou matrícula. Prontamente agilizaram-na. A mesma, a pedido de Clô, autorizou a realização no colégio de um Encontro Estadual de Homossexuais. O

Encontro ocorreu durante um final de semana. Na época em que Clô se internou gravemente, o colégio havia organizado uma campanha de doativos para ele e sua família.

Outro ex-travesti que freqüentara a mesma escola na época e não terminou o curso relatou que o interrompeu por problemas em casa e que havia parado de se travestir devido a problemas com a família. Mas de maneira nenhuma tinha sido levado a isso por se sentir discriminado ou pressionado pelo colégio. Pelo que pude compreender, a pressão estava acontecendo em casa.

Conversando com a coordenadora e a diretora de um dos colégios, ambas atuantes na rede pública de ensino até Segundo Grau, quando perguntadas sobre a assimilação sem impactos (conflitos) do travesti ocupando uma carteira em sala de aula, foram enfáticas em afirmar:

“Mas eles eram muito bem relacionados! Eles eram muito queridos! Todo mundo gostava deles. Prestativos!”

Depois de um tempo de conversa nos despedimos. O objetivo ali naquela noite era obter o novo endereço do colégio em que Fanny estava estudando, quando a diretora começou a falar sobre um casamento no religioso de um casal homossexual que ela havia assistido num noticiário televisivo na noite anterior. Explicou alguns detalhes da união sem a menor tendência à reprovação:

“Foi no Rio. Com família, com padre, com tudo. Ela de grinalda, de roupa toda assim... e falaram em lua de mel... a família toda, assim...”

Não contei tempo e lancei a pergunta:

“O que é que vocês acham? É uma coisa muito difícil, por exemplo, quando os travestis vêm se matricular? Causa aquele impacto?”

“Não. Já foi assimilado” — responde categoricamente uma delas com a aquiescência da outra.⁸⁹

Eram três da tarde quando cheguei ao gabinete da direção. Em frente à sala um grupo de oito ou nove adolescentes apinhavam-se junto a uma mulher de estatura baixa. Todos falavam ao mesmo tempo. Com calma, ela procurava ouvir o grupo. Esperei o sinal de término da pausa até que se dispersassem. Me apresentei e expliquei-lhe minha

⁸⁹ Ambas aparentavam cerca de cinquenta anos.

pesquisa. Acrescentei que retornava ao colégio para verificar se havia ainda travestis estudando ali. Ela responde que não: uns desistiram e outros se formaram - até então já haviam passado por ali em torno de cinco travestis. Estendendo a conversa sobre aceitação e relação sem problemas com os demais alunos e professores do colégio, fomos parar dentro de seu gabinete para apreciar as fotos da gincana do colégio em 1992, quando os travestis, segundo ela, apresentaram “belíssimos números”. As mini-saias e calças coladas ao corpo haviam sumido. O que eu via, entre outras tantas fotos da festa, eram fotos desses jovens de maiô

Em outro colégio público, também no centro da cidade, em comemorações de aniversário da escola, pela mesma época, um jovem travesti comandou o número de dança com as meninas, para a admiração da orientadora educacional do colégio, que, intrigada, confessara não entender como as meninas permitiram que Fanny fosse a vedete do número de danças.

Segundo Fanny, que começou a travestir-se a partir dos 16 anos de idade, seu relacionamento desde quando começou a frequentar a escola sempre foi estável. O maior impasse foi no tocante ao uso do banheiro feminino, logo superado - como comentou a coordenadora do colégio:

“Gerou uma polêmica, mas logo foi superada com a compreensão das meninas.”

A mesma não entrou em detalhes sobre a maneira como foi “superado”, mas em várias conversas com Fanny pude perceber o nítido e bom relacionamento mantido com as colegas. Dos travestis que conheci, esta parecia ter uma condição especial de transexualidade.⁹⁰ Acredita que sua aceitação foi conquistada com uma postura discreta, ao contrário de um outro colega seu, que ela se refere como “bicha boy”,⁹¹ e que se travestia algumas vezes no colégio; mas houve problemas. Não eram nada discretos.

Em ambos os colégios, no discurso das diretoras entrevistadas, o comportamento indiscreto está relacionado aos termos “depravado” e “deslumbrado”. Termos empregados para designar travestis que usavam saia, short curto, e possuíam trejeitos femininos exagerados. Os termos trazem enunciados em tom pejorativo que sugerem certa intolerância na avaliação desses comportamentos. No sentido inverso, a tolerância se

⁹⁰ Aquele tipo mesmo que rejeita o falo e toda a condição (pré-disposição) que isto implica na questão da transexualidade clínica/psicanalítica (Stoller, 1982 e 1994). Vários travestis que conheci se relacionam muito bem com seu pênis. Não foram poucas as afirmações com relação a utilizá-lo, mesmo que fosse para satisfazer as vontades de seus parceiros.

⁹¹ Jovem homossexual, afeminado, que não se traveste.

relaciona à expectativa criada em torno de um comportamento que não chame muito a atenção, discreto. Já a “depravação” travestida está associada ao travesti que mais se expõe publicamente em esquinas e avenidas fazendo o “trottoir”.

A relação travesti/discrção/aceitação e bicha-boy/indiscrção/não aceitação demonstra que a capacidade de persuasão do papel depende do grau de “commitment” demonstrado pelo travesti. O bicha-boy, jovem efeminado assumido, no ímpeto de chamar a atenção para sua homossexualidade, travestia-se esporadicamente e exagerava nos “trejeitos” femininos;⁹² chamando, quem sabe, a atenção para aquilo que não pretendia assumir definitivamente, dando margem para a repreensão. Fanny, por seu lado, era um travesti assumido, disposto a vestir-se de mulher vinte e quatro horas por dia. Não dando alternativa para as pessoas pensarem em outra opção para ele. Consciente de sua condição, contém alguns trejeitos para amenizar a visibilidade da inversão sócio-sexual assumida. Fanny integra elementos ao seu comportamento de maneira a podar excessos, evitando confronto com os que ditam as regras e com os que as absorvem. A indiscrção decorre mais do comportamento do que do vestuário feminino propriamente. Vestir-se de mulher é um dado importante, mas a maneira como ele se veste e conduz suas atitudes é ainda mais importante.

Lembro da primeira vez em que cheguei ao colégio e uma professora prontamente se prestou a chamar Fanny em sala de aula para que eu pudesse conhecê-la. Durante a pausa para o lanche pude observá-la entre algumas meninas a conversar. Às vezes que fui até ao colégio, sempre estava acompanhada de um grupo de meninas. Numa oportunidade em que fomos juntos até um bar, depois da aula, durante um trecho do trajeto fomos acompanhados por duas colegas suas de sala de aula. Encontrei-a certa vez num pagode no vão central do mercado público com algumas amigas, também do colégio.

Praticamente dois anos sem falar com Fanny, reencontrei-a na Festa da Laranja - uma festa de quermesse muito famosa na cidade realizada anualmente no bairro Trindade, em Florianópolis. Era domingo à noite. Falou que havia concluído o segundo grau, ia se casar com um rapaz com quem se relacionava há algum tempo e estavam preocupados em comprar um imóvel. Foi a única vez em que a vi com outro travesti.

⁹² Curioso observar o quanto a cotidianização do papel e o maior grau de “commitment” em seu desempenho vai atenuando a extroversão feminina e fazendo com que o ator module mais discretamente vestuário, adereços, atitudes e gesticulação.

Quando perguntada sobre algum incidente que a marcou na escola, Fanny disse que o maior problema que havia ocorrido foi com um professor de matemática. Ele claramente a ignorava em sala de aula: durante meses não a invocava para nada a não ser para a chamada escolar. Houve um dia em que ela se aborreceu com um raro e desdenhoso comentário que o professor lhe fez em sala de aula. Ela esperou que a aula terminasse e muito magoada fora conversar sobre o ocorrido com ele, exigindo mais respeito. Segundo Fanny, o fato levou-os a uma relação não só de respeito como também de amizade. Durante algum tempo ela era a aluna mais solicitada para escrever no quadro negro.

Totalmente aceita, participativa, Fanny inverte o papel de “bicha depravada” para o de transexual aceito, sem reverter a condição sexual assumida. Foi reafirmando sua postura e posição que conquistou espaço.

Esse espaço novo, escola, na história do transvestitismo na Ilha, reflete a peculiaridade que a relação travesti/comunidade tem assumido. Calcado em relações interpessoais de bom tom de sociabilidade, assimilando o curso viável para a construção de sua identidade, as novas gerações de travestis apostam num sujeito integrado socialmente. Não se trata de dissimular a identidade homossexual, mas de reafirmá-la na busca de uma representação total do feminino. A reafirmação não é mais a de bater as mãos nos peitos siliconizados e afirmar enfaticamente que é “bicha” ou “veado”. Nesses colégios existe uma relação de cumplicidade social —travesti/escola(instituição), travesti/professores, travesti/colegas alunos, travesti/Direção — que é percebida por ambas as partes. Isso faz com que as pessoas procurem compreender mais a opção alheia. Mesmo que de algum modo não a respeitem muito, optam por atitudes comedidas que evitem o confronto. Nesses locais é no não confronto que o travesti concentra suas atitudes, mesmo que para alguns somente sua presença os afronte.

CAP.7: OUTROS PERCURSOS

Como qualquer outra pessoa, o travesti tem percursos diários que fazem parte de sua rotina: idas a mercearias, padarias, supermercados, farmácias (principalmente para aquisição de hormônios), viagens de transporte coletivo, contas a serem pagas em lojas ou butiques, bancos, salão de beleza, reuniões de condomínio etc. Enfim, tudo que seja necessário ao seu convívio numa sociedade moderna. Como venho observando, a discrição é o ingrediente certo nesses locais públicos para reduzir formas de pressões sociais e segregação pela identidade travestida revelada. Essa discrição envolve trajés, falas e gestos comedidos. Muitas vezes presenciei esses personagens comprando em armazéns, padarias e açougues trajando roupas não muito curtas ou decotadas. Quando não estão de saias trajam-se de forma unissex: camisetas “transadas”, jeans e um calçado (geralmente uma sandália num modelo feminino). As curvas no corpo são o que geralmente definem o ator. Às vezes só são identificados pela voz. Um dia desses, numa fila de banco, percebi que a “moça” à minha frente era um travesti após escutá-la falar com o caixa. Olhando mais detalhadamente suas mãos (grandes), rosto (pêlos) e costas (largas) é que confirmei a suspeita.

O envolvimento social em um grande número de relações secundárias demonstra a capacidade fluida não só do travesti em seu devir como também a fluidez característica de uma sociedade urbana. É também nesses espaços que o travesti vem conquistando reconhecimento na construção de uma identidade de gênero, se confundível, mas, clara e pragmática. O mesmo não mais tem escandalizado as gerações mais velhas e vem se envolvendo com as gerações mais novas.

Vizinhança:

Em um prédio residencial onde moram dois travestis que se prostituem, procurei seu síndico, pessoa que, em função de suas atribuições, poderia me prestar informações sobre o envolvimento dos travestis com os vizinhos. Como não se encontrava ali naquele dia, falei com um morador que acabava de chegar do trabalho. Como de praxe, nessas entrevistas mais formais, costumo falar sobre o trabalho que estou realizando antes de tocar no cerne da questão: relação social com os travestis. O mesmo se mostrou interessado e me relatou uma palestra que havia assistido num centro espírita sobre o assunto. No evento foi citado um exemplo de travestismo: o caso era o de um homem que queria ter uma filha

mulher e veio um filho homem. Assim que veio o varão, desencadeou entre o casal uma série de brigas que tinham como motivo a insatisfação do pai devido ao nascimento de uma criança do sexo masculino. Os anos passaram e essa criança quando teve idade para saber da insatisfação do pai começou a se travestir.

Contou a história antes mesmo que eu perguntasse sobre o relacionamento dos travestis com o pessoal do prédio.

“Muita gente fala que é pura sem vergonhice, mas desconhece as causas geradoras do problema. E muitos casos são semelhantes (...) Pelo que eu saiba nunca houve problemas. De vez em quando encontro eles no corredor. Causa um pouco de constrangimento e a relação não passa de ‘opa’.”

Em outra oportunidade consegui contatar com a síndica:

“Tenho um relacionamento superbom com elas. Não é a primeira vez que eles moram aqui, já houve outras”.

Segundo a mesma, eles participam regularmente de reuniões de condomínio. Informação que achei interessante é de que o apartamento alugado para os travestis é sempre o mesmo. Tentei saber sobre a proprietária mas somente me informou que mora no centro e é filha de um coronel; não quis fornecer maiores informações. Apesar de se mostrar convincente sobre o relacionamento “superbom” que mantém com os travestis inquilinos, ela se mostrou bastante reservada: sua conversa comigo se resumia às respostas. Mais tarde vim a saber, através de um dos travestis, que ela ficou muito preocupada com minha visita.

Presumi que a atitude reservada e preocupada girava em torno de uma desconfiança sobre minha pessoa, já que era de seu conhecimento que os travestis se prostituíam. Talvez este pesquisador passasse por um suposto policial. Ou o interesse mesmo de omitir informações para evitar futuras especulações de qualquer espécie. Mesmo assim, novamente, o indício da cumplicidade social foi evidente:

“Nos damos superbem”.

Poderia ter respondido que quase não os via. Eu mesmo sabia que eles dormiam a maior parte do dia e saíam pela noite.

Na noite anterior havia conversado com o irmão da síndica, um jovem de vinte e poucos anos, ele me pareceu bem extrovertido para falar sobre o assunto, mas sua irmã é que poderia dar maiores informações, pois ele pouco parava no prédio. Conversei também com uma estudante e ela disse ver muito pouco os travestis pelo fato de também trabalhar e

voltar para casa somente tarde da noite; inclusive foi ela que, em outra oportunidade, chamou a síndica para mim.

As pessoas com as quais contatei no prédio de forma geral foram prestativas, mesmo a síndica com sua preocupação em responder-me. Nenhuma delas demonstrou “indignação” em possuir vizinhos travestidos e os cumprimentavam nas escadas e corredores. Esses vizinhos “exóticos” vivem da prostituição e nem por isso gozam do desprestígio escancarado dos moradores do prédio.

Atitudes discriminadas e consideradas desabonadoras socialmente — homossexualismo, transvestitismo e prostituição —, praticadas por dois travestis que “fazem ponto” a um quilômetro e meio do prédio onde moram, numa via que possivelmente todos os moradores do prédio passam para ir para casa no final do dia, é amenizada por um comportamento discreto e educado. O recato é o ingrediente que auxilia o travesti no convencimento de que ele é um ser sociável.

Conversando com o proprietário de uma farmácia no mesmo bairro onde moram os travestis acima mencionados, o mesmo afirmou que possuía dois clientes travestis:

“Eles vinham aqui vestidos normalmente. Eu os atendia e duas vezes ao mês aplicava uma ampola de Gestadinona (hormônio sintetizado) em cada um. Algumas vezes compravam batom, base, sombras, cremes e perfumes. Tinha um que algumas vezes vinha com seu amante. Uma espécie de ‘marido’, que eles chamam. O rapaz o acompanhava por tudo por aí, algumas vezes até abraçados (...) Eles vinham aqui, mas tudo numa relação dentro do limite do respeito. Não eram depravados”.

Nessa mesma conversa, falando sobre os riscos da AIDS com relação ao comportamento homossexual, o farmacêutico me discorre sobre o atendimento a um cliente homossexual não travesti que ele definiu como “algo curioso”:

“Semana passada apareceu um rapaz aqui me perguntando se poderia abrir o jogo comigo. Ele me falou que conheceu um rapaz dentro do ônibus que vinha e que ali mesmo ele praticou sexo oral no rapaz, dentro do ônibus! Ele me perguntou se tinha alguma coisa para desinfetar a sua boca, pois ele estava com a consciência meio pesada. Achei gozado aquilo: ele vir falando aquilo pra mim. Lhe vendi um anti-séptico bucal e lhe dei alguns conselhos no sentido de ele não agir mais daquela forma, pois estaria se prejudicando”.

O termo “gozado”, usado pelo farmacêutico para definir a atitude do rapaz homossexual, deixa claro o estranhamento causado pela invasão do “limite da decência”. Invasão que, segundo ele, nenhum travesti jamais cometeu nesses quase três anos de atendimento, mesmo indo com seus “maridos” à farmácia. Limite que há alguns anos era

ultrapassável apenas pelo fato de se vestirem “de mulher”. A percepção do travesti hoje leva em consideração várias outras atitudes e não somente o fato de se travestirem. Seu comportamento deve condizer com aquilo que se espera de qualquer pessoa numa relação de formalidade — principalmente com relação a uma “moça” numa sociedade machista —: um “pingo”/(limite) de decência. A meu ver, esta parece ser principal condição para que o travesti possa conviver relativamente integrado na comunidade local. Sem sofrer de maneira muito intensa com o preconceito e segregação social. Quando não reconhecido e confundido, o deleite é pelo poder de convencimento; quando reconhecido e acolhido, o deleite maior pelo poder de convencimento e “reconhecimento” da identidade travesti.

Lazer:

Dayse, um travesti que se prostitui durante os dias da semana e costuma se divertir nos finais de semana dançando em clubes e *boites*, relata:

“Danço na Shandon, Cruzeiro e Casa da Tradição” — os dois últimos, clubes de bairro, freqüentados predominantemente pelo público heterossexual.

“Hoje em dia dá pra dançar descansada. A travesti hoje é muito paquerada, é mais aceita (...) os travestis hoje têm mais educação”.

Se existe uma freqüência flutuante de outras categorias homossexuais em bares e boates, a maioria dos travestis costuma procurar os lugares freqüentados principalmente pelos heterossexuais (aparentes). Dayse me contou que em alguns desses lugares onde dança já viu colegas suas travestis serem barrados pela maneira como se vestem e se comportam:

“Uma travesti uma vez na Casa da Tradição foi comigo e foi barrada. Na hora ela perguntou por que eu entro e ela não. O porteiro olhou para ela e pediu que olhasse a maneira que eu tava vestida e a maneira que ela tava vestida. Ela vestia bustiê e mini-saia bem curtinha”. Novamente as categorias discrição e indiscrição, associadas ao elemento “depravação”. A idéia de perverter uma ordem, de degenerar a “moral” dominante.

A postura discreta, recatada, dependendo o lugar, nem sempre traz segurança. Conversando com Pâmela sobre um clube em que costuma dançar na Palhoça, município vizinho de Florianópolis, afirma não aceitar convites de um homem para dançar devido ao risco de confusões que isso possa trazer. Somente dança com homens quando ele seja um conhecido e/ou saiba de sua identidade travesti. Segundo ela, geralmente quando um

travesti é tirado para dançar, confundido com uma mulher e o “cavalheiro” descobre que dançou com um travesti, a confusão se arma:

“Faço o tipo veado. Danço, rebolo, agito um monte (...) Minha amiga faz o tipo mulher discreta, mas pode dar encrenca (...) Quando eles vêm me tirar pra dançar eu saio fora”.

Tenho afirmado até aqui que é a discrição que permite o maior trânsito social do travesti. Quando Pâmela afirma que o tipo “veado” é que lhe dá segurança — referindo-se a um modo escrachado de comportamento — algo soa estranho. Pâmela foi um dos travestis com quem mais tive contato. Sempre fez o tipo “depravado”: rebola exageradamente, não só quando dança, mas quando anda também. Gesticula muito e vive sacudindo os cabelos. Comentou algumas vezes que, se precisar, “sai na porrada”. Mas não faz o tipo agressivo. Pâmela é extremamente brincalhona. É ela que anima as colegas de “calçadas” durante a noite. Alias, é um dos travestis facilmente identificáveis pela voz, pele facial áspera pela barba feita, muita pintura e corpo extremamente siliconizado. Junto com sua amiga que faz o tipo discreto costumam ir aos clubes e dificilmente são barradas. A questão de fazer o tipo “veado” nesse caso não é ponto central da revelação. A revelação pode ocorrer de outra forma.

Dos travestis que conheci somente um informou dançar com desconhecidos quando tirado para dançar — é bem jovem e não se prostitui:

“Não costumo falar de cara que sou homem quando danço com alguém. A pessoa deixa de me conhecer quando falo isso. Ele já vem com aquela idéia de travesti (...) Quando tenho relacionamentos com rapazes faço uma voz mais feminina. Já aconteceu um rolo no Bahamas: uma amiga (mulher) falou pra um rapaz que tava me paquerando e dançou comigo que eu era homem. Ele me chamou pra conversar e queria me bater. Conversamos e no fim ele queria fazer um programa comigo; mas eu recusei porque ele quis me bater, fiquei desconfiada”.

Essa experiência de travestis em bailes de clubes de bairro vivenciei no “Flamenguinho” no bairro Capoeiras (parte continental do município de Florianópolis), quando convidado por uma amiga para irmos a uma domingueira no clube. Domingueira aliás muito famosa naquela região da Ilha. O Clube possui dois ambientes que funcionam simultaneamente: uma *boate* com som eletrônico e um salão para baile. Paga-se a entrada e desfruta-se de qualquer um deles. A casa nos últimos tempos não tem tido uma frequência constante. No salão principal o gênero musical é rancheira e reúne adultos dos 17 aos 50 e tantos anos. Na *boate* o público é praticamente de jovens. Existe um trânsito destes últimos

pelos dois ambientes. Os mais velhos costumam permanecer no salão principal. Estávamos numa das mesas do *mezzanino* da pista de baile — o salão estava relativamente vazio — e tomávamos Whisky com coca e gelo. Algumas amigas de Léia, minha amiga, dançavam em torno da mesa; também nos acompanhavam na bebida. Depois de alguns goles eu e Léia resolvemos levantar e entrar no ritmo. Em determinado momento Léia me apresentou Marlene: baixa, morena, ondulosa e simpática. Juntou-se a nós sem qualquer problema. A atenção que eu dava para as colegas de Léia, por educação, também dava para Marlene. Depois de algum tempo uma delas me chama num canto e me avisa de maneira tranqüila:

“Ela é um travesti”.

Afirmei que era de meu conhecimento — Léia já me havia dito e Marlene era também um daqueles facilmente identificáveis. Pelo envolvimento do grupo ao som da música e ao sabor da bebida, concluí que a preocupação da pessoa que me deu a informação não era de “trair” Marlene, mas de me precaver sobre um possível engano. Dançávamos todos juntos formando um círculo próximo à mesa.

O fato de Marlene encontrar espaço em um grupo de mulheres e compartilhar conversas e compassos numa domingueira dançante confirma a afinidade com que o travesti se envolve numa relação social e de lazer de grupos não homossexuais ou travestis. Do mesmo copo que bebia a moça que veio me alertar sobre a identidade travestida de Marlene, bebia Marlene.

Essa aproximação do travesti torna possível visualizá-lo como sujeito significativo não só de seu desejo sexual, como também do desejo de se socializar. A resignificação que ele possa fazer dessa relação de aproximação interage diretamente com a resignificação que damos a um travesti, bem mais visível socialmente. Ambos, travestidos e não travestidos, parecem repensar a condição atual do travesti na sociedade. A convivência com esse personagem implica um processo social estabelecido por uma rede de relações que o leva a ser aceito em alguns grupos de convívio. A expansão de relações com esses e outros grupos faz da inserção do travesti algo gradativamente banalizado.

Trabalho:

Assim que cheguei ao terminal urbano, na plataforma de uma das empresas que fazem a linha via shopping, também chegava o ônibus que faz a linha; eram dez e trinta da manhã. Pâmela trabalhava de cobrador durante o dia e se prostituía durante a noite. Sob um folgado uniforme da empresa sutilmente omitia suas formas, mas o jeito efeminado e o

cabelo em corte chanel eram bem visíveis. Pâmela era um dos cobradores mais antigos da empresa, com seus dez anos de carteira assinada na mesma. Assim que começou a trabalhar, segundo ela, nunca escondeu seu jeito efeminado. Seus colegas de trabalho sabiam que se travestia e prostituía; o “ponto” que costuma freqüentar fica na rota da linha da empresa. Algumas vezes, à noite, no “ponto”, pude presenciá-la acenando para os colegas que conduziam o coletivo naquele horário.

Depois que o ônibus estacionou e os passageiros desembarcaram, motorista e cobrador sentaram-se em um dos assentos no interior do coletivo para tomarem café, juntos no mesmo banco. Após o café, o motorista sai para fumar um cigarro e Pâmela ficou para fazer uma faxina no ônibus. Terminada a faxina, vem sentar-se a meu lado num dos bancos sob a plataforma do terminal. Enquanto permanecemos conversando, outras pessoas vieram conversar com ela: um ex-funcionário da empresa, duas corretoras de seguro para pessoas físicas e outros que a cumprimentavam quando passavam. As corretoras estavam de passagem e resolveram parar para perguntarem sobre o vídeo que Pâmela havia adquirido de um vendedor, por indicação delas. Quando sozinho no banco com ela, perguntei se costumava isolar-se quando não está fazendo a linha:

“Hoje eu não tô a fim de me misturar. Geralmente fico de brincadeira com o pessoal”.

Outras vezes que passei por ali pude vê-la reunida com cobradores e motoristas conversando e rindo. Parece muito bem relacionada com o pessoal e diz ser respeitada pelo patrão por ser um funcionário assíduo e de confiança. O risco de ser despedido porque se traveste está longe:

“Dez anos são dez anos” – afirma com segurança.

O caso de Pâmela com relação ao trabalho é bem interessante e suscita algumas considerações. Ele se traveste há uns sete anos, quando se empregou ainda não se travestia. O trabalho que exerce lida diretamente com o público. Tipo de trabalho para o qual dificilmente se qualifica um travesti. Mas o fato de sempre ter sido um bom funcionário — e o público com que lida é o que utiliza uma linha de periferia — permite uma tolerância de seu patrão em mantê-lo no trabalho. Segundo Pâmela, nunca houve uma reclamação de passageiro.

Atualmente não trabalha mais na empresa. Fui informado de que ela estava trabalhando em uma firma de prestação de serviços na área de limpeza e vigilância. Estava destacada em um hospital fazendo a coleta do lixo.

Segundo alguns travestis, a maior dificuldade com relação à identidade revelada é a de encontrar trabalho. Os espaços profissionais geralmente são salões de beleza, mesmo assim não é tão comum encontrá-los nesses locais. Através da indicação de um conhecido também travei contato com alguns travestis que trabalhavam como domésticos em faxinas de casas no bairro onde moram ou em outros bairros. Soube também de um caso de um travesti que não se prostitui e trabalha como assador de uma pizzaria na praia.

Um ex-travesti⁹³ me falou sobre essa dificuldade de emprego e a prostituição:

“Acho que elas se prostituem por que não conseguem um emprego melhor. O dinheiro que elas ganham não vão conseguir tão fácil em outro emprego melhor. Eu mesmo trabalho de balconista porque minha chefe é muito gente fina. Outro não daria esse emprego” — o “eu mesmo” refere-se à sua homossexualidade declarada.

Fanny durante alguns anos trabalhou como “empregada doméstica”. Conseguiu o trabalho através de sua irmã também doméstica e cuja patroa é amiga da patroa de Fanny. Certa vez, telefonei para o endereço em que trabalhava, falei com uma mulher que pareceu ser sua patroa. Segundo Fanny, ela e seu marido eram advogados. A mulher me atendeu gentilmente e disse que poderia contatar com Fanny no outro dia, neste dia ela não estava trabalhando. Meses mais tarde liguei para o mesmo número para localizar Fanny, a pessoa que atendeu foi a mesma da vez anterior. Informou que fazia algum tempo que não mais trabalhava ali. Com cautela, depois de explicar que era um colega de Fanny e que estava escrevendo um trabalho sobre travestis, perguntei se havia sido despedida ou se saído por vontade própria. Informou que foi por vontade dela mesmo. Procurando estender a conversa indaguei se a princípio foi difícil conceder emprego a um travesti:

“Não. Foi sem problemas. A conheci através de sua irmã que trabalha para uma amiga minha”.

A referência se fez através de um contato de amizade e de um vínculo de família: uma pessoa que era amiga da patroa da irmã de Fanny.

Fanny também faz considerações sobre trabalho e travestis que se prostituem:

“O travesti se prostitui por que não tem o apoio da família e nem opção de vida em nível de mercado de trabalho. Quantas vezes fui preencher ficha de inscrição para emprego e as pessoas recriminarem quando me perguntam o sexo (...) É chato chegar na idade que eu tenho e ter que pedir as coisas pra mãe. A questão da prostituição é uma questão de trabalho. O mercado se fecha sendo travesti.”

⁹³ Também havia desistido de travestir-se por causa da difícil aceitação da família.

Embora se registre nos espaços profissionais uma maior intolerância com relação aos travestis, ainda aqui se verifica certa absorção, mesmo que tímida, desses sujeitos em subempregos. Os casos de trabalho com carteira profissional assinada são isolados e dependem de particularidades convenientes em cada caso. Essa dificuldade em obter trabalho aguça a criatividade profissional do travesti pelas vias informais de sociabilidade e principalmente da referência: o travesti que vende roupas no bairro, o que trabalha como doméstico na casa da amiga da patroa de sua irmã, o que é cobrador porque antes de se travestir já era funcionário da empresa havia dez anos, o “ex”-travesti que trabalha no atendimento de uma boutique porque era amigo da dona da loja, ou ainda o pizzaolo que provavelmente teve uma boa e confiável referência. As vias informais de relação parecem assegurar sua sobrevivência, neutralizando o formalismo e indisposição que torna improvável a aceitação do travesti nos espaços profissionais.

Estes travestis que hoje dançam em clubes de bairros, que participam de reuniões de condomínio ou que trabalham na catraca de um coletivo, entre outras formas de trabalho, relacionam-se com outros sujeitos não afeitos às práticas homossexuais e/ou de inversão do gênero numa alocação sociológica que envolve personagens comuns numa relação de simpatia e empatia. As situações de absorção e tolerância acontecem devido a proximidade de relações afetivas — família e amigos principalmente — que submetem os pré-conceitos formados em torno de um “mito” à reconsideração sobre um sujeito palpável, de carne e osso. Positivamente valorizado e compondo o imaginário popular das possíveis relações sociais do cotidiano, o travesti deixa de ser “um” sujeito imaginado e generalizado - mito⁹⁴ - para ser o sujeito banalizado e fragmentado em várias relações enquanto ser social.

⁹⁴ Do travesti transformista, prostituto, vedete de programas televisivos, rainha do baile gay etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No momento em que se incorpora o travesti a uma cultura de massa na sociedade brasileira, através, principalmente, dos meios de comunicação, tem-se a projeção de um personagem que primeiramente conquistou o espaço local em relações de afinidade com os demais sujeitos. A inserção social desse personagem — nas relações do cotidiano e na mídia — traduz uma atualização com relação aos papéis de gênero. Valeria a pena refletir um pouco mais sobre a transcondição e seu gradual descolamento do imaginário popular da “bicha” marginal e solitária. Neles explicita-se não só o desejo intenso de feminilização. Explicita-se um certo esgarçamento do universo simbólico de valores “machistas” alinhavado com valores “femininos” de maneira a permitir a inserção e expressão notória do travesti em nossa sociedade.

O travesti faz de sua histórica “contra-posição” social e de gênero posições várias em seu percurso diário, transpondo os percalços com a idéia arraigada de que “estar” mulher e homossexual não é condição única, são vários espaços e estados.⁹⁵ A preocupação com a “decência” e as demais formas comedidas de comportamento, almejadas por eles no trânsito diário, compõem um conjunto de regras necessárias ao devir deste personagem transgênero em Desterro. Regras de comportamento que parecem ser aplicadas com maior severidade a um homossexual travestido do que a um “simples” heterossexual vestido. Sendo assim, o travesti, mais exigido e cobrado “moralmente”, desdobra-se para tornar exequível algo que anos atrás era mais difícil e arriscado. O efeito prático de suas idéias na construção inversa do gênero se torna possível. Desfruta da maneira mais sociável possível seu projeto; envolvendo desejos, paixões, trabalho, formação escolar, família, amigos, amigas, amores, lazer etc. Mesmo que o argumento plástico e estético componha a busca do corpo feminino — e que seja praticamente a característica marcante do travesti — o que sustenta essa busca é a disposição psicológica e social dada num universo de relações diversas, com sujeitos diversos. O engajamento na

⁹⁵Uma das homossexuais entrevistada por Heilborn afirma que o que lhe incomoda é ver todas as dimensões da vida explicadas pela sexualidade. No caso, pela sua homossexualidade. Explicações que praticamente congelam a identidade num modelo de lesbianismo e a partir dele todas as relações possíveis são submetidas às lentes homofóbicas. As entrevistadas de Heilborn rejeitam o rótulo de homossexual, dizem “estarem” homossexual por admitirem a possibilidade de um relacionamento heterossexual num futuro próximo. Emprego o termo “estar mulher” para o travesti não no sentido da periodicidade intercalada da condição, mas para desnaturalizar o termo de sua atribuição biológica (Heilborn in Parker, 1996, p.136-45).

recriação de uma mulher de pênis (extirpado ou não) faz parte de uma consciência e forma de existência articulável com os demais atores sociais.

O travesti, na busca do amparo e de consistência para o papel que assume, na Ilha não parece resumir-se aos guetos, ou à possível região moral nesta cidade. A prostituição é uma das dimensões da vida de alguns desses personagens e não sintetiza sua identidade. Generalizá-la a partir da ótica da “subversão moral” faz com que percamos níveis mais sutis e de peso nessa construção identitária.

Questões de ética da “moral” inventada, como instrumento regulador de atitudes de valor, permeiam todas as relações que dizem respeito a essa “invenção do feminino”. São elas muitas vezes ambíguas por fazerem parte de um mundo que recrimina aquilo que ao mesmo tempo acolhe. Os agenciadores de uma suposta “moral” que se pretenda “dominante” são do mesmo grupo que negocia seus interesses com travestis: seja na prostituição, na venda de hormônios em farmácias, na cobrança pelo implante de silicone e/ou transformação cirúrgica do sexo, na sua aparição televisiva como entretenimento também responsável por índices no IBOPE,⁹⁶ ou até mesmo no interesse de uma relação de afeto.

O travesti em Florianópolis não se impõe pela ruptura. O rompimento com o modelo tradicional de construção dos papéis sexuais não é sinônimo de ruptura no sentido amplo da palavra, ele fragmenta-se — em filho(a), estudante, amiga, confidente, condômino, comprador, etc — taticamente, com objetivo na inserção social. Se é o grande número de relações secundárias e furtivas que caracterizam a sociabilidade dos indivíduos nos grandes centros urbanos, o que permite um certo grau de anonimato — através do qual as pessoas se tornam “maleáveis”, permissivas — o que ocorre em Florianópolis com relação à construção da identidade travesti é um grau de envolvimento e cumplicidade entre eles e sociedade local. A idéia de um travesti desterrado, avesso a uma “ordem machista”, dissipa-se quando entendemos que essa mesma “ordem” envolve um conjunto de relações positivamente valorizadas entre travestis e não travestis. Se não totalmente aceito, ele transita por regiões liminares entre a exclusão e inclusão, entre a repressão e o aceno em alguma escola pública, entre a violência e o seu consumo pela mesma sociedade que o agride. Entre a aceitação e rejeição. Entre se nascer homem e se pretender mulher. A ambigüidade de sua condição reflete a ambigüidade do meio cultural e social no qual estão inseridos. O argumento de que a existência do travesti é fundamentalmente dada por zonas

⁹⁶ Com toda sua inserção no Showbusiness, o travesti tem ocupado espaços principalmente em programas televisivos de variedades, como personagem de novela, como entrevistado ou entrevistador etc.

limítrofes, adjacentes e marginais à sociedade, reduz o entendimento do fenômeno. Esta idéia geométrica da inclusão e exclusão fragmenta-se no mesmo tempo que o devir é fragmentado. É nos fragmentos de um universo social mosaico que toma corpo este personagem. Com a criatividade de um artista, reúne pedacinhos aqui, ali e acolá e reverte sua inversão em inserção social; definindo outros lugares ao travesti em Desterro. Florianópolis, cidade de pequenas proporções, nos permite perceber melhor esta inserção no tom atenuado do ruído que a inversão de gênero causa. As estratégias e táticas sociais utilizadas pelos travestis nesta cidade sublinha particularidades da cultura urbana local e o coloca em outro patamar de discussão: o da alteridade, da relativização e da feminilização da sociedade.

BIBLIOGRAFIA:

ADORNO, T. Sobre a Lógica nas Ciências Sociais. In: COHN, G (org.). **Sociologia: Theodor Adorno**. São Paulo: Atica, 1986, pp.46-61.

ANDERSON, Perry. Modernidade e Revolução. In: **Novos Estudos CEBRAP**, 14:2-15 (1986).

AUGÉ, Marc. **Los no Lugares - espacios del anonimato. Uma Antropologia de la Modernidad**. Barcelona: Gedisa, 1993.

AZEVEDO, Thales. Namoro à Antiga: Tradição e Mudança. In: VELHO, Gilberto e FIGUEIRA, Sérvulo (orgs.). **Família, Psicologia e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ed.Campus, 1981.

BAUDRILLARD, Jean. Modernité. In: **Encyclopedia Universalis**. Vol. 12. Paris. pp.424-426.

_____ **À Sombra das maiorias Silenciosas**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BECKER, Howard S. **Uma teoria da Ação Coletiva**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BERMAN, M. **Tudo que é Sólido se Desmancha no Ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BLACKING, John. Towards an Anthropology of the Body. In: BLACKING, John (org.). **The Anthropology of de Body**, London: Academic Press Inc, 1977.

BOONS, Marie Claire. **Mulheres-Homens: Ensaio Psicanalítico Sobre a Diferença Sexual**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

CANEVACCI, Massimo. **A Cidade Polifônica: Ensaio Sobre a Antropologia da Comunicação Urbana**. São Paulo: Livros Studio Nobel Ltda, 1993.

- CORBIN, Alain. O Segredo do Indivíduo. In: **A História da Vida Privada**. Vol.4, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- CORADINE, Lisabete. **Redes de Sociabilidade e Apropriação do Espaço em Uma Área Central de Florianópolis**. Dissertação de Mestrado do Depto. de Antropologia da UFSC, 1992.
- ERDMANN, Regina Maria. **Reis e Rainhas no Desterro: um estudo de caso**. Dissertação de Mestrado do Depto de Antropologia da UFSC, 1981.
- FINKIELKRAUT, Alain; BRUCKNER, Pascal. **A Nova Desordem Amorosa**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- FREIRE COSTA, Jurandir. **A Inocência e o Vício: Estudos sobre o Homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.
- FREUD, Sigmund. O Mal Estar da Civilização (1930 [1929]). In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O Que é Homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de Programa: Prostituição em Copacabana e Identidade Social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- GIDDENS, A. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.
_____. **A transformação da Intimidade**. São Paulo, Ed. da UNESP, 1993.
- GOFFMAN, Erving. A Elaboração da Face. In: FIGUEIRA, Sérvulo (org.). **Psicanálise e Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980, pp76-114.
_____. *“Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada”*. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1981.
- GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Cartografia do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

HABERMAS, Jürgen. Ciências Sociais Reconstitutivas versus Ciências Sociais Compreensivas. In: HABERMAS, Jürgen (org). **Consciência Moral e Agir Comunicativo**. São Paulo: Tempo Brasileiro 1989, pp.37-60.

_____ A família burguesa e a institucionalização de uma esfera privada referida a esfera pública. In: CANEVACCI, Massimo (org). **Dialética da Família: gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva**. São Paulo: Brasiliense, 1984, pp.223-234.

HARVEY, D. **A Condição Pós-Moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. São Paulo: Loyola, 1993.

HEILBORN, Maria Luiza. **Homossexualidade e Conjugalidade Igualitária**. Mimeo, 1989.

JAMESON, Fredric. **Crítica Marxista**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

KELVIN, Peter. Um Exame Sociopsicológico da Cidade. In: FIGUEIRA, Sérvulo; VELHO, Gilberto (orgs.). **Família, Psicologia e Sociedade**. Rio de Janeiro: Campus, 1981, pp.25-45.

LYOTARD, J-F. **O Pós-Moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

MARCUS, George. Identidades Passadas, Presentes e Emergentes: requisitos para uma etnografia sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial. In: **Revista de Antropologia**, SP, vol. 34, 1991.

MAYKUT, Pamela; MOREHOUSE, Richard. **Beginning Qualitative Research: a philosophic and practical guide**. London: The Falmer Press, 1994.

MEAD, Margaret. **Educacion y Cultura**. Buenos Aires: Paidos, 1952.

_____ **Coming of Age in Samoa**. New York: Mentor Book, 1963.

_____ **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

MILLOT, Catherine. **Extra-Sexo: Ensaio Sobre o Transexualismo**. São Paulo: Escuta, 1992.

MOTT, Luiz R. B.; ASSUNÇÃO, Haroldo H. F. **Gilete na Carne: Etnografia das Auto - Mutilações dos Travestis da Bahia**. In: Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Bahia (Salvador), [comunicação] 1981.

OLIVEIRA, Marcelo J. **Jogo de Cintura: Uma etnografia sobre Travestis em Florianópolis**. UFSC, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Depto de Ciências Sociais. Florianópolis, 1994.

PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria (orgs.). **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

PEDRO, Maria Joana. **Mulheres Honestas e Mulheres Faladas: Uma Questão de Classe**. Universidade de São Paulo, Depto de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Março/1992.

PERLMAN, J. E. **O Mito da Marginalidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

PERLONGHER, Nestor. **O Negócio do Michê: A Prostituição Viril em São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1987

QUEIROZ, Maria Isaura P. **Cultura, Sociedade Rural, Sociedade Urbana no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1978.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do Corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1975.

SCHERER-WARREN, I.; KRISCHKE, P. **Uma Revolução no Cotidiano?.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e Relações Sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SENNET, Richard. **O Declínio do Homem Público**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

SILVA, Hélio R. S. **Travesti: a invenção do Feminino**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.

_____**Certas Cariocas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

SIMMEL, Georg. **Cultura Feminina**. Madrid: Revista de Occidente, 1934.

STOLLER, Robert J. **A Experiência Transexual**. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

_____**Masculinidade e Feminilidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

TAUSSIG, Michael T. **El Diablo y el fetichismo de la Mercancía en Sudamerica**. Mexico: Nueva Imagem, 1993.

VELHO, Gilberto (org.). **Desvio e Divergência: Uma crítica da Patologia Social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

_____**Individualismo e Cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____**A Utopia Urbana: Um Estudo de Antropologia Social**. Rio de Janeiro: Zahar 1982.

_____**Subjetividade e Sociedade”**: Uma Experiência de Geração. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

VELHO, Otávio Guilherme (org.). **Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Araweté: Os Deuses Canibais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.